

Curso de Mestrado em Edição de Texto

EDIÇÃO DE TEXTO:

A SEGUNDA VIDA

Relatório do Estágio levado a cabo no
jornal *Correio da Manhã*

Hugo Lameiras

Co-orientador de Estágio – Prof. Doutor João Luís Lisboa

Co-orientadora de Estágio – Dra. Vera Silva

Coordenador do Curso – Prof. Doutor Rui Zink

Agradecimentos

Ao Professor Doutor João Luís Lisboa, por ter aceitado co-orientar este trabalho, e ao Professor Doutor Rui Zink, orientador deste Mestrado pela disponibilidade, interesse e pelas sugestões preciosas que me ajudaram na sua elaboração.

Às meninas do Departamento de Revisão do jornal *Correio da Manhã*, Vera Silva, Lurdes Mateus, Catarina Carvalheiro e Sílvia Morgado, pela sua amabilidade e inesgotável paciência, pois sempre se dispuseram a colaborar comigo na realização deste projecto, tornando assim possível a sua concretização.

Ao Departamento de Paginação pela sua impagável boa disposição que animava cada noite de labuta, mesmo aquelas de maior tensão, de onde não posso deixar de destacar o Jorge Rijo.

Ao Departamento de Recursos Humanos do grupo Cofina Media, com um especial agradecimento à Sílvia Mendes e à Ângela Anselmo pelas diligências efectuadas com tanto esmero.

Aos meus queridos pais, pelos incondicionais apoios e ajudas que sempre me proporcionaram, aos amigos e àquela pessoa especial entre as especiais que sempre me apoiou e teve constantes palavras de apreço e incentivo, mesmo quando fisicamente estava ausente.

Aos meus colegas de Mestrado, pela amizade, solidariedade e camaradagem, com especial relevo para a Marta Nazaré, pela sua incansável predisposição para ajudar.

A todos por tudo quanto me ajudaram e que ternamente guardo: os afectos, as emoções, o companheirismo e a constante presença.

A todos, sem excepção, a minha gratidão e o meu sincero reconhecimento.

"En lisant, on prévoit, on attend. On prévoit la fin de la phrase, la phrase suivante, la page d'après: on attend qu'elles confirment ou qu'elles infirment ces prévisions; la lecture se compose d'une foule d'hypothèses, de rêves suivis de réveils, d'espoirs et de déceptions."

Jean-Paul Sartre, «*Qu'est-ce que la littérature?*»,
in Situations II, Paris, Gallimard, 1980, p. 92.

Índice

Agradecimentos

Introdução.....	1
1. Grupo Cofina Media – Breve Historial.....	5
2. A Leitura e o Texto – Fundamentação Teórica.....	8
3. <i>Correio da Manhã</i> – O Ninho da Experiência.....	13
3.1 – As Condições Verificadas.....	18
3.2 – A Natureza das Funções Exercidas.....	20
3.3 – A Estrutura do Jornal.....	24
3.4 – O Jornal à Lupa.....	27
Conclusão.....	30
Bibliografia.....	33
Outras Fontes.....	35
Anexos	

Introdução

Ao fazermos uma rememoração daquilo que pensávamos quando iniciámos o nosso percurso universitário, jamais poderíamos imaginar que nos encontraríamos nesta posição. Na verdade, em tempo algum poderíamos considerar que estaríamos agora a tecer semelhantes malhas, pois que pensámos, desde sempre, que tais propósitos não estariam ao nosso alcance, não obstante almejarmos secretamente a idêntica empresa, ainda que unicamente como conjectura. Aconteceu. Estamos deveras felizes por isso e pelo facto de termos, ao menos, tentado e, assim sendo, não nos poderemos lamentar do fracasso, pois pior do que o medo do insucesso é o imobilismo, a ausência de iniciativa. Com efeito, convenhamos, o pior dos fracassos é não tentar sequer.

Pretendeu-se com o estágio, na verdade, a consolidação prática dos conhecimentos obtidos durante a parte curricular. O estágio foi, pois, objecto de uma escolha criteriosa por parte do seu opositor, uma vez que se pretendia demonstrar que a edição de texto pode e deve ser aplicada não apenas em casos específicos como sejam as obras literárias ou de outro teor mais técnico ou científico, mas também em outros mundos, como por exemplo em publicações periódicas. A insistência neste tipo de visão não se prende com a pérfida carolice da nossa parte, mas antes com a convicção de que a língua pode e deve ser preservada nas suas formas correctas, mormente se a sua exposição é amplamente elevada. A leitura é um bem essencial nos dias de hoje, seja no acesso à informação, seja enquanto prática lúdica ou profissional, como mais adiante teremos ocasião de nos debruçar. Deste modo, deve ser tido como uma graça fornecer um texto final isento, o mais possível, de erros, sejam eles linguísticos ou de ordem técnico-científica. A responsabilidade inerente à elaboração de uma publicação, independentemente da sua natureza, deve ser, segundo nos parece, ferozmente preservada, pois, a banalização da publicação de textos escritos deve ser encarada como uma benece e não como terreno fértil para a democratização do erro. Tomando como nossas as palavras de Ivo Castro «*Do ponto de vista da defesa da língua, talvez seja pior ler uma grande obra mundial em má tradução do que um medíocre romance português*»¹. O erro não deve, pois, constituir a norma. O erro não deve ganhar vida própria e emancipar-se.

Considerando que um estágio com os moldes acima sumariamente descritos nos seria muito mais proveitoso do que aqueles que a Faculdade tinha para propor, sem desprimor de nenhuma ordem para a instituição, para quem os proporcionou ou para quem deles se serviu, procurámos, então, um local que manifestasse as condições ideais às nossas pretensões, tendo,

¹ Ivo Castro, op. cit., p.99

desta forma, excluído do nosso horizonte, nesse dado momento, editoras de livros literários ou técnicos que, seguramente, nos colocariam apenas a caçar falhas e fíftias em livros, na sua maioria, sem grande interesse nem expressividade quanto à sua exposição ao nível do mercado livreiro, reduzindo o estágio a pouco mais do trazer à luz do dia nados-mortos. Ora, pretendíamos algo mais do que livros sem imagens capazes de se poderem resumir a um bocejo, não obstante o nosso gosto pela Literatura, seja lá o que isso for², sendo isso justamente o nosso principal móbil, ainda que tenha laivos de desmesurada ambição.

Com efeito, ao longo da parte curricular do estágio, a edição de texto, que de resto oferece o nome ao curso, foi apresentada apenas sob o ponto de vista da Literatura, ou seja, a Edição enquanto disciplina surgia como sinónimo de Literatura, como algo capaz de melhorar um texto literário, aperfeiçoá-lo, não tanto quanto ao seu conteúdo, mas mais quanto à forma final. É aquele limar de arestas que se torna imperativo para dizimar as incorrecções finais que o artista – leia-se, o autor – não quis ou não teve o cuidado de se preocupar; ou que uma tradução menos cuidada faz agora levantar algumas questões, tornando-se necessário o cotejo com o original³. Pese embora esta visão, quanto a nós, muitíssimo redutora da questão em causa, podemos facilmente explicar esta tendência pelo facto de os agentes do curso estarem na sua quase totalidade ligados ao meio académico, sendo-lhes mais cómodo e fácil esta relação face à Edição de Texto. Na verdade, muitos dos docentes têm inúmeras provas dadas relativamente à edição de textos, muitas das vezes de difícil e discutível versão final, quer dizer, publicável. Quanto a isto, levantar qualquer tipo de questões será no mínimo injusto, porém, pelo que afirmamos, parece ser perfeitamente justificável esta visão, ainda que não seja a única visão a ter-se, até porque o facto de discordarmos da visão restrita que foi sendo fornecida ao longo da parte curricular é a prova de que o trabalho docente foi bem elaborado, uma vez que forma opiniões críticas e está na origem da problematização de questões aparentemente imunes a contendas. Longe de pretendermos ser incorrectos para quem quer que seja, não devemos deixar de referir que esta tendência tendia a esbater-se nas aulas cujo objecto de trabalho implicava o uso de computadores e de diferentes programas informáticos ligados a áreas diversas, como sejam o tratamento de imagem, paginação ou elaboração de sítios Internet, sendo que, nos dias que correm, o recurso às tecnologias de informação não pode nem deve deixar de ser levado em linha de conta.

² Fica aqui, antes de mais, o nosso pedido de desculpas pela aparente displicência da formulação, todavia, acerca da questão Literatura e Literariedade, conferir Vítor Manuel de Aguiar e Silva, op. cit., nomeadamente na página 43 e seguintes

³ Optamos aqui por deixar de lado questões epistemológicas relativas ao lexema *original*, já que, neste contexto específico, entendemos *original* enquanto elemento capaz de servir de base de trabalho para outro tipo de criação

Por outro lado, a motivação seria tanto maior quanto pensássemos na experiência adquirida para termos futuros e sobretudo na originalidade do estágio ser feito no seio de uma publicação periódica e não numa editora como acontece comumente. Este foi o traço distintivo que procurámos antes de mais e estamos em crer que o nosso pressuposto não pode deixar de ser visto, neste contexto, como um trunfo. Cremos que esta nossa pretensão não terá sido descabida, revelando, por sua vez, pro-actividade e dinamismo.

Deste modo, não podemos deixar de considerar um privilégio o facto de termos aprendido *in loco* os processos necessários concernentes a um projecto editorial num jornal de tamanha dimensão e expressividade quanto à sua exposição e peso no mercado das publicações periódicas pagas diárias como é o *Correio da Manhã*, cuja posição sólida no mercado é deveras inquestionável⁴. Esta materialização veio justamente permitir o presente escrito, o qual versa exactamente sobre essa aprendizagem e essa experiência que, seguramente, serão fundamentais no futuro, daí a nossa escolha criteriosa. Devemos igualmente referir que não ficaríamos desapontados se, ao invés de termos tido contacto com a edição em papel, pudéssemos ter contacto com a edição *on-line*, por exemplo (algo que seria muito interessante desenvolver, já que descurar este campo constitui um erro de palmatória nos dias que correm, convenhamos), dada a nossa abertura e interesse no que à edição diz respeito, independentemente do suporte que utiliza. Assim sendo, a proposta apresentada agradou sobremaneira ao Departamento de Recursos Humanos do grupo que detém a referida instituição. Desta forma, o contacto directo com o *modus operandi* do jornal foi feito em troca dos conhecimentos e valências, nomeadamente ao nível da Língua Portuguesa, pois, como é sobejamente conhecido, estágios remunerados não é algo que grasse, pelo que julgamos saber, nem no meio editorial, nem no meio empresarial. Este casamento permitiu, todavia, uma aprendizagem empírica, incontornável na formação de qualquer activo, proporcionando, desde logo, um elevado nível de experiência, condição *sine qua non* para a contratação de qualquer assalariado.

Por tudo isto, ambiciona-se, pois, dar uma ideia mais abrangente da Edição de Texto e da mais-valia que esta constitui quotidianamente, sendo disso exemplo um jornal diário nacional, o qual tem de acordo com dados oficiais a maior tiragem média diária no contexto nacional⁵. No decorrer deste aprendizado prático, mantiveram-se como pressupostos os conhecimentos adquiridos na componente lectiva do Curso de Mestrado em Edição de Texto. Os resultados da reflexão sobre a missão do editor bem como a visão e as linhas estratégicas foram tenazmente consideradas adequadas à sua concretização através de um conjunto de

⁴ Cf. Anexo 1

⁵ Vide Anexo 1

iniciativas e projectos; foram colocadas em prática uma série de valências num estágio supervisionado por pessoas de diferentes quadrantes: técnico e académico. As actividades desenvolvidas prenderam-se sobretudo com o apoio à Coordenadora de Revisão e à equipa por si chefiada, mormente no que concerne à leitura e tratamento dos textos (originais ou não), uniformização e/ou adaptação dos conteúdos de acordo com o estilo editorial e de paginação, acompanhamento da revisão técnica de textos, revisão ortográfica e casualmente paginação. Não pudemos deixar de lado a revisão de provas de impressão, análise e tratamento de questionários, recolha de informação e actualidades, análises gerais de mercado e de gráficos de diferentes tipologias.

O presente escrito pretende, pois, dar a conhecer alguns dos problemas e dificuldades encontrados e a forma como foram sendo ultrapassados, tendo em conta as limitações impostas pelas hierarquias e os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso. Pululam ainda algumas reflexões mais ou menos críticas, mas que tentámos sempre justificar, uma vez que têm um sentido construtivo. As observações feitas tentam sempre ser imparciais sem revelar juízos de valor de nenhuma ordem. Mais do que matéria de opinião, pretende-se aludir a matéria de facto.

O estágio que serve de base a estas linhas não pretendeu ser um espartilho, foi antes flexível, onde todas as partes se encaixaram de forma proveitosa e sã.

1. Grupo Cofina Media – Breve Historial

A associação de empresas que constitui o grupo Cofina Media sofreu uma grande evolução e percorreu um longo caminho até alcançar a formação e denominação que detém actualmente⁶. Este grupo teve como base da sua constituição a Investec – Consultoria Internacional, SA., a 3 de Julho de 1992. Esta empresa, maioritariamente detida pela sociedade IPE – Investimentos e Participações Empresariais, SA., adquire as primeiras participações no ramo dos *media* em 1993, através da aquisição da Edisport – Sociedade de Participações Desportivas, SA., a qual detém o jornal *Record* e 10,32% do capital da SIC – Sociedade Independente de Comunicação, SA. Com esta aquisição, a Investec aumentou o seu capital social de 5.000.000\$00 para 1.000.000.000\$00.

Em Junho de 1994, ocorreu um novo aumento de capital de um milhão de contos para quatro milhões. A Investec aumentou, através da Edisport, SA., a sua posição accionista na SIC e passou a deter 14,8% do respectivo capital social e ainda em Novembro desse mesmo ano adquiriu 88,5% do capital social da Edimoda – Sociedade Editorial, SA., empresa que detém a revista *Máxima*.

Em 1995, a Investec adquire mais 5% do capital social da Edimoda, passando a deter uma posição accionista de 93,5% nessa empresa. Simultaneamente aumentou a sua participação social na SIC, passando a deter 18,33%. A Edisport era, por esta altura, a segunda maior accionista da SIC. O ano de 1995 foi também marcante para o jornal *Record* que passou a ser diário a partir do dia 1 de Março.

Os anos de 1994 e 1995 foram, com efeito, marcados por grandes aquisições e por tudo isto a Investec passa a estar cotada em bolsa, com 49% do seu capital.

Por sua vez, em 1996, a Investec adquiriu 20,5% do capital social da Deltapress, empresa distribuidora de jornais e revistas, e com esta aquisição transferiu a distribuição dos seus produtos *Record* e *Máxima* para essa empresa, tornando-a na maior empresa distribuidora em Portugal. No mesmo ano, o *Record* tornou-se o jornal desportivo mais lido, ultrapassando *A Bola*, o seu concorrente mais directo.

No ano seguinte, a Investec entra no segmento da decoração com o lançamento da revista *Máxima Interiores* e ainda em 1997 são adquiridas as instalações do jornal *Record*, sitas no Bairro Alto, em Lisboa.

As aquisições continuam e, em 1998, a Investec adquire a Impala Estúdio, a qual detinha 26,66% da SOINCOM SGPS, SA., principal accionista da SIC. Com esta aquisição, a

⁶ Cf. Anexo 2

Investec passou a deter, directa e indirectamente, 24,99% da SIC. Em Novembro, a sociedade é transformada em SGPS e a empresa passa a designar-se Investec SGPS, SA.

O ano de 1999 foi marcado pela entrada do grupo Cofina Media e a Investec passou a ser detida pela IMC – Investimento, Media e Conteúdos, SA., empresa detida por esse grupo e pelo BPI Participações SGPS, SA. Ainda em 1999 a Cofina Media reforça novamente a sua participação na SIC, tendo passado a deter, directa e indirectamente, 39,96% do capital dessa empresa.

Em 2000, a Cofina Media e o BPI lançaram uma Oferta Pública de Aquisição (OPA) sobre a totalidade das acções representativas do capital social da Investec. Em resultado dessa OPA, a IMC adquiriu o controlo de 90,7% do capital social da Investec. Neste mesmo ano foram alienadas as participações detidas directa e indirectamente na SIC à Impresa, SA. Entretanto, a sociedade adquiriu 50% do capital social da Ferreira & Bento, actual Edirevistas e, assim, o grupo Cofina Media passou a deter 80,1% da IMC – Investimento, Media e Conteúdos SGPS, SA. O ano 2000 foi igualmente objecto de aquisição de 95% do capital social da Presselivre – Imprensa Livre, SA., proprietária do jornal *Correio da Manhã*, bem como 63% do capital social da Mediafin SGPS, SA., a qual detém, através de uma subsidiária, o *Jornal de Negócios* e o site *negocios.pt*. A sociedade adquiriu também 95% do capital social da Cofina.Com II, a qual detinha participações ligadas à Nova Economia. Entretanto, a IMC – Investimentos, Media e Conteúdos adquiriu mais 363.637 acções da Investec SGPS, SA., tendo aumentado a sua participação para 99,8% do capital social desta empresa.

Em 2001, foi requerida à Comissão de Mercado de Valores Mobiliários a perda de qualidade de sociedade aberta, pelo que a Cofina Media deixou de estar cotada em Bolsa. Também neste ano, a participação detida na Ferreira & Bento, actual Edirevistas, foi reforçada de 50% para 75% e posteriormente de 75% para 100%.

O ano de 2002 foi marcado pelo lançamento das revistas *Vogue* e *GQ* por atribuição da norte-americana Condé Nast Publications e pela aquisição da TVG – Editora de Publicações e Multimédia, Lda., empresa detentora da revista *TV Guia*. Ainda neste ano foi concretizada a operação de concentração entre as empresas de distribuição de publicações VASP e Deltapress. Na sequência desta operação, a VASP ficou a deter a totalidade das acções da Deltapress e passou a ser detida em igualdade de participações pelos grupos Impresa, Cofina, através da Presselivre, e Portugal Telecom. Também neste ano de 2002, a Cofina Media passou a deter 100% da Mediafin SGPS, SA.

No ano seguinte, em 2003, deu-se a fusão da Edimoda com a Edirevistas. Com esta operação procedeu-se à reorganização do grupo, com o objectivo de simplificar o organigrama de participações e otimizar a sua eficiência operacional. Por seu lado, o jornal

Correio da Manhã conquistou a liderança do segmento dos diários generalistas, com um crescimento de circulação média de 16% face ao ano de 2002 e, no que respeita ao investimento publicitário, subiu o *share* de 27% para 28%, igualando o seu mais directo concorrente, o *Jornal de Notícias*. Por sua vez, a revista *TV Guia* foi objecto de uma forte remodelação editorial e gráfica que, associadas à dinamização de políticas de *marketing*, conduziram a um aumento de circulação de 37% face ao ano de 2002. O ano de 2003 foi também o ano de lançamento da revista *Flash!* que se insere no segmento das revistas de sociedade e foi o ano em que o *Jornal de Negócios* passou de uma periodicidade semanal a diária. Do mesmo modo, foi adquirida uma participação de 19,1% na Lusomundo Media, SGPS, SA.

Já em 2004, o grupo Cofina Media continuou a crescer e a dar provas da sua capacidade de evolução e adquiriu 49% da Metro News Publicações, Lda., detentora do jornal gratuito *Destak*, com opção de compra para a maioria do capital durante o prazo de três anos. Da mesma forma, o ano foi marcado pelo lançamento da revista *Sábado*, uma *newsmagazine* semanal que em apenas um ano demonstrou ser um enorme sucesso. Porém, o ano ainda foi brindado com mais um lançamento: a revista *Dez*, uma revista desportiva que acompanhava o jornal *Record* nas suas edições de sábado, a qual, por seu lado, cessou a sua actividade. Neste mesmo ano, foi constituída uma nova empresa dedicada à impressão de jornais em parceria com a Lisgráfica – Impressão e Artes Gráficas, S.A., com uma participação de 50% cada e, em Abril, procedeu-se à alteração da designação social da Investec, SGPS, SA. para Cofina Media, SPGS, SA. Deste modo, o capital da Cofina Media aumentou de 20.013.805 € para 22.500.000 € e o número de acções passou de 4.002.761 para 112.500.000.

A diversidade de produtos que compõem o *portfolio* do grupo Cofina Media permite, simultaneamente, que haja competição em segmentos de mercado bastante diversificados, mas com um ponto em comum: a edição de publicações periódicas⁷.

A par dos vários títulos de imprensa tradicional, o grupo em análise possui igualmente a edição *on-line* de algumas das publicações. A segmentação do mercado permite a actuação em múltiplos mercados em que cada um deles apresenta características específicas⁸.

⁷ Acerca deste assunto, atente-se no Anexo 3

⁸ Vide Anexo 4

2. A Leitura e o Texto – Fundamentação Teórica

Ao contrário da compreensão do oral, a leitura não é nem uma actividade natural, nem uma actividade de aquisição espontânea e universal, é um processo que se prolonga e aprofunda ao longo da vida do indivíduo. O seu domínio permite o aumento do potencial comunicativo e a expansão dos interesses individuais, constituindo um poderoso instrumento nas aprendizagens escolares e no crescimento cognitivo de cada aluno. Deste modo, cedo é apresentada, sendo lapidada nos anos subsequentes, mormente em contexto escolar.

É, pois, a partir da leitura, que é efectuada a extracção do significado e a adequação da informação transmitida por meio da escrita, constituindo assim, os seus objectivos primordiais. Pela leitura, o leitor reconstrói o significado do texto. No entanto, o nível de compreensão atingido depende do conhecimento prévio que o leitor tem do assunto, da sua competência linguística e do tipo de texto em presença.

A estrutura do texto, ou seja, o modo como se inter-relacionam, se conjecturam e expõem as ideias, tem por base o modo como é efectuada a triagem do seu significado. Neste sentido, a interacção entre o leitor e o texto revela, de facto, a sua evidência e a estrutura textual que para um leitor pode assumir certas características, para outro pode parecer completamente diferente, devido à forma como é feita a apreensão do seu significado. No entanto, os esquemas cognitivos próprios de cada leitor utilizam estratégias de adaptação que vão remover os obstáculos mais difíceis. São apontados três níveis básicos de estruturação de um texto:

1. microproposicional ou de organização de frases
2. macroproposicional ou de organização de parágrafos
3. partes de organização superior que vê o texto como um todo.

Qualquer uma destas unidades é essencial para a relação e hierarquização das ideias, constituindo uma via exclusiva na compreensão total do texto.

A compreensão de um texto é um processo activo, no qual o leitor usa o seu esquema cognitivo de compreensão, em que a memória tem um papel preponderante, na extracção do significado do texto. A estrutura do texto é, por sua vez, activada de acordo com os modelos de processamento de informação, determinando um delineamento mais adequado das redes de conexão e das análises de micro e macroestruturas linguísticas.

Compreender é, de certo modo, estabelecer um modelo mental que integra os conhecimentos anteriores com os conhecimentos acabados de recolher, a partir da mensagem.

A leitura, *lato sensu*, pode ser entendida como aquela em que o objectivo primeiro é compreender o significado da palavra, da frase e do texto escritos, excluindo-se aqui, obviamente, a leitura em contexto escolar. Com efeito, durante largo tempo, o leitor competente era aquele que tinha a capacidade de pronunciar convenientemente o texto. Porém, esta não era a melhor forma de se retirar do texto a informação que ele veicula. A leitura é, na verdade, uma actividade de raciocínio onde ler é sinónimo de compreender. Neste sentido, a compreensão da leitura deve comportar dois aspectos fundamentais, defendidos e debatidos aliás por inúmeros autores em diferentes épocas:

1. relação entre as diferentes partes do texto
2. relação entre o texto e conhecimento ou experiências prévias do sujeito

Na verdade, no tempo presente, aceitamos sem questionar que *«Ler e compreender um texto implica a manipulação e representação das estruturas linguísticas aos níveis lexical e sintáctico, operações de análise e integração dos níveis micro e macroproposicional de modo a chegar-se a uma representação semântica da informação textual. Uma descrição do processo de leitura, obrigatoriamente, tem de fazer referência à competência linguística do leitor sem a qual não haverá lugar para qualquer tipo de interacção entre leitor e texto.»*⁹ Desta forma, o acto de ler deve ser entendido como um processo activo e interactivo, tendo em conta as relações estabelecidas entre o leitor e o texto. O leitor reconstrói o significado do texto por meio da leitura efectuada. Esta competência permite transformar a informação escrita em conhecimento e promove o desenvolvimento do imaginário, do espírito crítico e do pensamento divergente. Ora, na elaboração de uma informação noticiosa, o jornalista deverá ter em conta que os leitores de um determinado jornal possuem diferentes *skills* (ou, se preferirmos, habilidades) e estratégias no campo da leitura. Para atingir o maior número possível de leitores, há que adequar convenientemente a forma de transmissão da informação a esta premissa que nos parece ser apodíctica.

Ao contrário do texto oral, utilizado noutros meios de comunicação social, o carácter cuidado e lexicalmente rico da linguagem escrita, construída tendencialmente numa complexa base subordinativa em que pontuam as construções relativas e passivas é evidente¹⁰, mesmo em jornais como o *Correio da Manhã* que se pretendem não muito complexos, pelas razões

⁹ Delgado-Martins et al., *Documentos do Encontro sobre os Novos Programas de Português*, Lisboa, Edições Colibri, 1991, p.15

¹⁰ No campo oposto, a linguagem oral tem um teor caracteristicamente incompleto e informal, sendo marcada pela predominância da voz activa e de estruturas coordenadas e declarativas. Todavia, poderemos afirmar que a língua escrita é uma representação gráfica da oral, onde se verifica o processamento dos sinais gráficos pela visão e pela sua correspondência com o significado verbal, a nível do sistema nervoso central. Dominá-la convenientemente é sinónimo de conhecer um determinado conjunto de sinais convencionados que formam sons, sílabas ou palavras, conforme se trate respectivamente da escrita alfabética, silábica ou ideográfica

apontadas mais adiante. O receptor do texto escrito, que é um leitor, não depende da imposição constituída pelo facto de ter de acompanhar em simultâneo o desenvolvimento temporal da linearidade do próprio texto, dentro dos limites possibilitados pela percepção auditiva e pela sua memória, como acontece no texto oral, uma vez que a materialidade do texto escrito permite ritmos distintos de decodificação¹¹, consentindo a leitura e a releitura, proporcionando o dilucidamento de um excerto textual à luz de um excerto sintagmaticamente anterior ou posterior. Regularmente, a língua escrita implica uma construção mais trabalhada e mais rigorosa. Apresenta, geralmente, um léxico mais consistente e uma organização gramatical ao mesmo tempo mais regular e mais complexa do que a língua falada, ainda que possamos falar de «*um progressivo afastamento entre as práticas contemporâneas da língua e a palavra escrita. É o que sucede em comunidades que lêem pouco, escrevem menos e têm relações cerimoniosas com o livro. São evoluções decorrentes da invasão do território escrito por parte do oral e do auditivo. Esta invasão é um episódio de guerra mais vasta de que fazem parte, entre nós, a baixa qualidade média da edição, mesmo da edição científica, a falta de exigência da massa leitora*»¹².

Não esqueçamos, com efeito, que a escrita se oferece como um produto de resposta mediata, permitindo a releitura e o uso de auxiliares interpretativos. Isto, na perspectiva de quem escreve, permite antecipar reacções; para quem lê, permite fazer diferentes juízos de valor, ainda que vão contra uma eventual tomada de posição assumida inicialmente, uma vez que é sempre possível voltar a ler aquilo que foi escrito.

É justamente o cuidado na transmissão da informação, ou a ausência dele, segundo cremos, que torna um determinado jornal sensacionalista, popular ou credível, aliás, como acontece com qualquer outro meio de comunicação. Há, de facto, um apelo à manipulação do público através do tratamento, abordagem e apresentação que se dá a um determinado conteúdo, como veremos, não esquecendo, pois, que muitos dos jornais têm um cunho marcadamente de esquerda ou de direita, com *nuances* mais ou menos acentuadas.

Como se sabe, um leitor faz uso da sua consciência crítica, reflectindo à medida que a leitura decorre¹³. Contudo, nem sempre tem o devido distanciamento crítico e é então que se deixa embalar por uma manchete ou título mais inflamados. Esta posição crítica assumida por parte do leitor é obviamente condicionada e manipulada, levando-o a uma determinada

¹¹ Assume-se aqui a decodificação como a capacidade que temos enquanto escritores, leitores ou aprendentes de uma língua para identificar um signo gráfico com um nome ou com um som

¹² Ivo Castro, op. cit., p.103

¹³ No âmbito do ensino, a esta consciencialização do leitor acerca daquilo que lê e a forma como o faz chamam os estudiosos metacognição, a qual consiste numa reflexão sobre as próprias cognições, que se traduz na reflexão à medida que a leitura decorre. Todavia, preferimos aqui não usar este termo, pois parece-nos redutor, sobretudo tendo em conta que um leitor-tipo de publicações periódicas já terá ultrapassado este estágio de aprendizagem e não nos parece adequado alargar o conceito à presente temática

perspectiva que se pretende atingir. Isto convém sobremaneira a quem escreve, dado que a informação vive da actualidade e esgota-se nesse momento, ainda que não se esgote a própria informação, pois há sempre algo (de novo) a dizer sobre um determinado assunto, por muito remexido que seja num espaço temporal particular. É assim que a cada manhã somos informados sobre o que acontece em todo o Mundo. Por sua vez, há, obviamente, uma enorme receptividade da sociedade consumidora, até porque ela, em certa medida, está formatada para assim o ser, uma vez que o consumidor está incessantemente ávido de produtos discursivos, sejam eles de que esfera for, isto porque nos *media* «*todos os restantes campos sociais se reflectem como num espelho, não podendo as dimensões da prática social prescindir do seu contributo.*»¹⁴ Diríamos, então, que a principal e primeira mensagem veiculada pelos *media* é a importância da *comunicação*.

Veja-se, a título de exemplo, as manchetes de algumas publicações (e não necessariamente jornais, já para não falarmos de outros meios de comunicação social) que apelam ao choque como forma de prender a atenção. Assim, um título por vezes é dado de uma forma que, depois de lida a notícia, perde todo o impacto causado, sendo este um recurso muitas vezes utilizado. Por outro lado, antes de ler, o (bom) leitor tende a utilizar estratégias que irão facilitar e ajudar todo o processo relativo a essa compreensão. Assim sendo, a importância de títulos, subtítulos, gráficos ou fotografias é evidente, pois servem de apelo e, no limite, podem traduzir a diferença entre a compra da publicação ou não. Com efeito, a linguagem na imprensa tem uma perspectiva puramente instrumental, dirigida a um fim específico. Há, somos levados a afirmar, uma nítida mercantilização da informação, que é não raras vezes adjuvada com a oferta de brindes vários, colecções, etc., anexos que levam muitas vezes o consumidor a adquirir a publicação, subvertendo-se, no limite, a função informativa, quando o consumidor compra não a publicação mas o seu apêndice, pois é este que tem todo o relevo aquando do momento da compra e não aquela que constitui o seu pólo de interesse.

A informação é pois projectada não só ao nível da primeira página, mas também quanto ao interior, já que, por sua vez, há artigos que, por si só, vendem publicações. Talvez assim se explique o excesso de *opinion makers* presentes em inúmeros jornais diários ou semanários, generalistas ou desportivos, sendo que também no mundo audiovisual e radiofónico esta tendência se verifica, já que este é um dos fenómenos mais correntes da paisagem mediática. Sobre esta temática, Rita Maria Brás Pedro Figueiras analisa a evolução do espaço de opinião na imprensa de referência entre 1980 e 1999, em que, a partir de um determinado número de jornais de diferentes quadrantes políticos, de entre os quais o *Correio da Manhã* não figura, a autora acompanha a progressiva comercialização e a sua respectiva promoção e visibilidade

¹⁴ Adriano Duarte Rodrigues, *Estratégias de Comunicação*, Lisboa, Presença, 1990, p. 42

das colunas dos *opinion makers*. Conclui a investigadora que, no início da década de 80, «ainda estamos longe da rentabilização comercial da Opinião». Por esta altura, este espaço na imprensa era uma secção «pouco amadurecida» e com «características extremamente irregulares». A colaboração regular dos *opinion makers* não era ainda estrategicamente utilizada «para fidelizar e garantir o consumo dos jornais num determinado dia da semana», tal como acontece presentemente. No entanto, uma vez institucionalizado este espaço como secção temática, a sua tipificação «mantém-se constante durante os anos 90», seja como género jornalístico, da responsabilidade dos editores, seja como secção temática, onde surgem os sub-géneros editorial, colunas de opinião, cartas de leitor, inquéritos e citações de outros *media*. Durante o mesmo lapso temporal, dinamizam o espaço de opinião na imprensa jornalistas, especialistas ou figuras proeminentes da vida pública nacional, cidadãos anónimos e outros *media*, representados simbolicamente pelas citações. Nas palavras da investigadora, «entre uma década e outra as diferenças situam-se, não ao nível do conteúdo ou substância, mas a nível da forma». Por seu turno, no plano formal, além do aumento do número de páginas dedicadas à opinião, os meios reforçam o investimento na visibilidade deste espaço através da promoção dos *opinion makers* de referência¹⁵. Cada vez mais se assume a ilusória forma de incentivo a um desempenho, talvez assim se explique o multiplicar de emissões com supostos debates e trocas de opinião, em que se glorifica a variada participação do público. Isto tanto ao nível audiovisual, como ao nível radiofónico e mesmo ao nível da imprensa escrita. A nossa opinião é assim constantemente solicitada mesmo que seja sobre o assunto mais diverso, somos chamados a opinar. Ainda que sem a pretensão de obter a verdade, apenas são pretendidos pontos de vista, cada um oferece a sua contribuição e em conjunto construir-se-á uma verdade consensual, que depois os *media* trarão à luz do dia¹⁶.

¹⁵ Vide Anexo 5

¹⁶ Sobre esta temática, conferir Philippe Breton, *A Utopia da Comunicação*, pp. 124-125

3. Correio da Manhã – O Ninho da Experiência

O *Correio da Manhã* é um jornal generalista que no seu estatuto editorial se assume como independente «em relação aos diversos poderes e interesses», defensor de um «jornalismo livre, de qualidade e por isso popular», respeitador dos «códigos deontológicos que regem a actividade jornalística, a lei de Imprensa e o Estatuto do Jornalista». O estatuto editorial assinala que o *Correio da Manhã* «apoiará de forma firme a instituição família, o direito à Vida», assumindo «o seu apreço pelas raízes cristãs da sociedade». É um jornal diário generalista, como vimos, e tudo quanto é considerado importante pelos seus editores tem aí um espaço reservado nas mais diversificadas áreas de interesse, nomeadamente a Saúde, a Segurança Social, o Emprego, as vítimas de crimes, as forças de segurança e militares, a Justiça, a Educação, a Economia, a Política, a Ciência e as Novas Tecnologias, a Cultura e o Desporto¹⁷, pois, tal como afirma Robert Escarpit, não há informação completamente objectiva, uma vez que a notícia é sempre uma opção. É um jornal que se preocupa com tudo quanto diz respeito à vida das pessoas, desempenhando um importante papel; diríamos mesmo que presta, em certa medida, um serviço público. Podemos tomar como exemplo desta característica o livro editado sobre o Padre António Vieira, aquando da comemoração dos 400 anos do seu nascimento¹⁸. O jornal é, neste sentido, um difusor de cultura, dando a conhecer a obra do referido Padre através de um livro de baixo custo – 1,50 € – elaborado sob a chancela de figuras de valor inquestionável no meio académico. A obra, composta por uma colectânea de sermões, um capítulo com pensamentos e adágios e ainda a bibliografia consultada e citada, possui 160 páginas e 28 ilustrações, algumas delas a cor, sendo que a relação qualidade/preço é muitíssimo boa. Serve esta iniciativa profusamente os seus propósitos.

Semelhante cuidado foi dado por alturas do aniversário do regicídio, matéria que ocupou as páginas centrais do jornal em análise durante alguns dias.

O *Correio da Manhã* pretende cumprir a função de ser, antes de tudo o mais, um jornal dos leitores e, de facto, devido ao interesse que desperta nas pessoas, é o jornal diário que, muito à frente dos concorrentes, tem em banca as maiores vendas em Portugal¹⁹. Com efeito, é o único que desde o início deste novo século vendeu sempre acima dos cem mil exemplares diariamente, algo de extraordinário, convenhamos, tanto mais se pensarmos nos níveis de

¹⁷ Acerca do tratamento da informação dada pelo *Correio da Manhã* (dados relativos ao ano de 2006), conferir <http://www.erc.pt/documentos/Relat%F3rio%20de%20Regula%E7%E3o%20final.pdf>, p.432 e ss.

¹⁸ Jornal *Correio da Manhã*, edição 10 477, de 6 de Fevereiro de 2008

¹⁹ Cf. Anexo 1

iliteracia e aliteracia que corroem a nossa população²⁰. Vamos aqui simplificar o conceito e entendamos apenas literacia como a capacidade de manipular elementos impressos, desde os mais simples aos mais complexos, quer dizer, «*como a capacidade de utilizar diferentes formas de material escrito, com um nível de eficiência que permita a resolução de problemas do quotidiano e possibilite o desenvolvimento do conhecimento pessoal e das potencialidades do indivíduo. Trata-se, portanto, da capacidade para compreender e criar mensagens escritas e, simultaneamente, reconhecer e apropriar-se das mudanças trazidas por essa capacidade*»²¹.

O *Correio da Manhã* é um jornal elaborado a pensar nos interesses dos seus leitores, sabendo com exactidão os pólos de interesse do seu público, daí que se associe a instituições

²⁰ Acerca deste tema há uma extensa bibliografia. Contudo, convém-nos apenas esclarecer estes termos, dado a importância da leitura na sociedade de informação. Antes de mais, impõe-se lembrarmos que elevados níveis de literacia estão nos tempos presentes associados à empregabilidade e à cidadania, tal como afirma a OCDE. De acordo com Ana Benavente, podemos definir literacia como «*as capacidades de processamento da informação escrita na vida quotidiana. Trata-se das capacidades de leitura, escrita e cálculo, com base em diversos materiais escritos (...), de uso corrente na vida quotidiana (social, profissional e pessoal)*». Apesar de este conceito fazer parte de um campo de investigação consideravelmente recente, ou seja, metade do século XX, alguns teóricos procuraram já delinear do ponto de vista científico o seu conceito. Neste sentido, podemos observar três definições de literacia ordenadas de uma forma cronológica:

- 1) O «*conceito de literacia [é] entendido como a capacidade de usar todas as formas de material escrito requeridos pela sociedade e usados pelos indivíduos que a integram*» (Inês Sim-Sim, Como lêem as nossas Crianças? Caracterização do Nível de Literacia da População Portuguesa, Ministério da Educação, Lisboa, 1989, p.7)
- 2) «*Define-se então literacia como: as capacidades de processamento de informação escrita na vida quotidiana*» (Ana Benavente; A. Rosa; F. Costa e P. Ávila, op. cit, p.4)
- 3) Literacia é «*a capacidade de utilização da língua escrita*» (Maria Raquel Delgado-Martins; Glória Ramalho e Armanda Costa, Literacia e Sociedade – Contribuições Pluridisciplinares, Caminho, Lisboa, 2000, p.5)

O que concluímos com estas definições é que não podemos apenas pensar na mera capacidade de ler ou escrever, tal como se enuncia no dicionário da Oxford, mas antes na habilidade de *usar, processar* ou *utilizar* a informação da linguagem escrita tendo em vista um determinado objectivo da vida quotidiana, quer dizer, literacia não se limita ao saber ler ou escrever, mas pertence antes à esfera do uso do conhecimento da leitura e da escrita numa actividade específica do dia-a-dia, sendo, pois, muito mais abrangente. Neste sentido, a leitura e a escrita são tidas em linha de conta como actividades pertencentes a um contexto específico do quotidiano, como vimos, e não apenas enquanto descodificação da linguagem escrita. Por este facto, as habilidades da linguagem escrita da literacia não se apresentam de forma estanque, antes pelo contrário, uma vez que permitem a manipulação de material escrito diverso em qualquer fase da vida adulta.

Por outro lado, coloca-se por vezes a dúvida acerca das diferenças entre literacia e alfabetização. Assim, tomando as palavras de Delgado-Martins, podemos dizer que «*a palavra literacia tem vindo a ser utilizada para recobrir um novo conceito acerca das capacidades de leitura e de escrita: pretende distinguir-se de alfabetização por não ter em conta o grau formal de escolaridade a que esta, tradicionalmente, estava ligada. Enquanto alfabetização refere a condição de ser (ou não) iniciado na língua escrita, independentemente do grau de domínio que dela se tenha, o conceito de literacia adquire um significado mais vasto, referindo capacidades de utilização da língua escrita. Assim, alfabetização refere um conhecimento obtido, estável, enquanto literacia designa um conhecimento processual, em aberto*» (Delgado-Martins, 2000, p. 13). Logo, o conceito de literacia distingue-se claramente do de alfabetização, no sentido em que este se refere à aquisição e conhecimento de competências da linguagem escrita, enquanto que aquele está relacionado com a manipulação e uso dessas competências numa acção específica do quotidiano.

²¹ Inês Sim-Sim, op. cit., 1995, p.204

de diferentes quadrantes com finalidades diversas. Exemplo disso é a colaboração levada a cabo com o Patriarcado de Lisboa, como refere a nota editorial da edição 10 435, de 24 de Dezembro de 2007, assinala pelo Director do jornal, Octávio Ribeiro, cujo fruto se materializou num suplemento de 12 páginas da lavra do referido Patriarcado sob a chancela do Cardeal-Patriarca de Lisboa, acerca da celebração do Natal, parte integrante da referida edição²².

Não deixa de ser um jornal muito eclético, sendo o seu público-alvo muito heterogéneo²³, exactamente porque abarca variadíssimas questões de uma forma rigorosa e séria em áreas de diferentes quadrantes e tudo isto com um preço final que não podemos deixar de considerar justo, sobretudo se atendermos à concorrência²⁴.

A referida concorrência, por sua vez, de onde se destaca o *Diário de Notícias* e o *Público*²⁵, procedeu, num passado recente, a alterações de imagem, nomeadamente ao nível do *layout*, como forma de combater o seu insucesso junto dos seus leitores. Todavia, estes tendem antes a rever-se numa publicação que não pode deixar de ser considerada como uma referência, ainda que seja fortemente conotada por muitos com a falta de rigor e com o sensacionalismo próprios de um tablóide. Não obstante, «"popular" e tablóide" não são a mesma coisa, porque há imprensa "popular" de qualidade, como é o caso do *Correio da Manhã*»²⁶. Relativamente a esta temática, com efeito, não podemos deixar de recordar Pacheco Pereira quando afirma que «a imprensa tablóide (...) é uma variante de "imprensa popular"»²⁷. Na verdade, «O *Correio da Manhã* é um bom jornal. É o que pretende ser e acaba por ser mais alguma coisa do que aquilo que pretende ser.»²⁸

O jornal *Correio da Manhã* é, na verdade, o espelho do País real, daí que a sua aceitação seja tão grande²⁹. Expõe problemas pertinentes e actuais de uma forma clara, capaz de chegar

²² Cf. Anexo 6

²³ Acerca da heterogeneidade do público do jornal, vide Anexo 7

²⁴ Vide Anexo 8

²⁵ Tomámos a liberdade de ter em linha de conta apenas estes dois jornais diários pagos, uma vez que são aqueles que têm uma maior expressividade no seio do mercado em questão. Assim, deixámos de lado o jornal *24 Horas*, pois, segundo cremos, está muito mais afastado do *Correio da Manhã* do que os outros periódicos considerados quer quanto ao tratamento da informação prestada, quer quanto à relevância e aceitação por parte do público leitor, sendo que esta é uma constatação meramente empírica, não se apoiando em dados de carácter científico, pese embora este seja um ponto de vista partilhado por outros elementos (acerca deste assunto, conferir http://abrupto.blogspot.com/2007_02_01_abrupto_archive.html)

²⁶ Cf. http://abrupto.blogspot.com/2007_02_01_abrupto_archive.html – acedido a 11 de Fevereiro de 2008

²⁷ Idem

²⁸ http://abrupto.blogspot.com/2007_01_01_abrupto_archive.html – acedido a 11 de Fevereiro de 2008

²⁹ Sobre esta ideia refere Pacheco Pereira que «aquilo [o jornal *Correio da Manhã*] é o Portugal (...), tal como ele é, irrelevâncias antigas, infelicidades de sempre, vidas miúdas, perdidas num mundo que cada vez menos se controla, de que cada vez menos se descola. Não é obra de cínicos intelectuais que só querem dizer mal e não partilham do glorioso optimismo dos governantes, é o retrato do pântano do nosso lento empobrecimento a que nos condena o "modelo social" vigente, da desorganização atávica das nossas instituições, do salve-se quem puder, de uma mediania muito perto da pobreza e do atraso. É o que o espelho da verdade nos mostra.

a todos, mesmo àqueles que não gozam de uma proficiência muito relevante ao nível da literacia e que não podem nem devem ser excluídos das questões debatidas na actualidade noticiosa, levando-os a reflectir à sua maneira, integrando-os na sociedade global à qual, mesmo sem se terem dado conta ou pretenderem, inevitavelmente pertencem. A linguagem simples e depurada em muito contribui para este pendor de integração, até porque, convém lembrar, «*A linguagem é, ao mesmo tempo, o facto cultural por excelência (distinguindo o homem do animal) e aquele através do qual todas as formas da vida social se estabelecem e perpetuam.*»³⁰. Com efeito, é nela que a maior parte das nossas interacções pessoais assentam e é igualmente por seu intermédio que o ser humano transfere informação de e para outros tempos e lugares. A linguagem não implica um mecanismo formal de ensino, para a sua aquisição se verificar basta tão-somente estar-se exposto a ela.

Por outro lado, não podemos deixar de concordar com o facto de o vocabulário influenciar irremediavelmente a compreensão na leitura, mas também não é menos verdade que um texto pode ajudar a desenvolver o vocabulário. Há aqui terreno fértil para uma complementaridade que, com o devido equilíbrio, pode muito bem constituir um ciclo virtuoso com uma importância muito relevante ao nível social, exactamente pelo seu pendor integracionista. Ora, o *Correio da Manhã* cumpre, em grande parte, segundo cremos, este papel, já que também neste ponto demonstra ser muito sincrético. A importância e o cuidado a ter com este *input* linguístico que se vai apresentar ao público leitor não podem pois ser descurados, sobretudo se tivermos em linha de conta que um saudável ambiente linguístico vai ajudar a possibilitar a construção de um conhecimento acerca da língua escrita, ou seja, aquilo a que na Linguística se denomina, *grosso modo*, por literacia emergente. A palavra escrita permanece, virtualmente, para todo o sempre, daí que a responsabilidade seja redobrada, não podendo haver lugar para deslizos capazes de manchar o apuro quanto ao uso da língua. Já a informação veiculada de forma oral não parece padecer desta fatalidade – *palavras, leva-as o vento*, recordemos o adágio –, daí que não seja muito raro ouvir-se em jornais televisivos erros linguísticos que, pelo poder imenso deste *media*, ganham raízes cada vez mais fundas no discurso de todos. A título de exemplo referimos a dissimilação (i – i > e - i) (omni)presente em muitos telejornais, em palavras como *vizinho* ou *ministro*, que passam respectivamente a *vezinho* ou *menistro*; ou ainda o funesto pleonasma sempre que se fala no *principal protagonista* de um filme, acção ou acontecimento.

Por sua vez, estamos em crer que os jornais direccionados a uma certa elite, sob este ponto de vista, segregam grandemente uma considerável fatia da população, criando barreiras

(...) *Não se é feliz no país do Correio da Manhã, mas o país do Correio da Manhã é o nosso país.*» – http://abrupto.blogspot.com/2007_11_01_abrupto_archive.html – acedido a 11 de Fevereiro de 2008

³⁰ Lévi-Strauss, *Anthropologie Structurale*, Paris, Plon, 1971, pág. 392 (Tradução e sublinhados nossos)

e rompendo com a democratização da informação, essencial, como é sobejamente conhecido, nos dias que correm. O *Correio da Manhã* tende, segundo cremos, a ser o ponto de equilíbrio entre rigor e pertinência da informação e clareza de exposição e preço, quer dizer, leva grande vantagem neste jogo dialéctico constituído pela qualidade *versus* preço³¹.

O acerto no preço das publicações verificou-se, logo em Dezembro de 2007, por exemplo, com a revista *Visão* que passou de um custo de 2,75 € para 2,80 €, seguindo-se o acerto em Janeiro da *Sábado* nos mesmos moldes. Os jornais, por sua vez, procederam igualmente ao respectivo acerto, nomeadamente o *24 Horas*, o *Jornal de Notícias*³². Também os semanários *Expresso* e *Sol*³³ passaram, já em Fevereiro a custar 2,90 € e 2,50 €, respectivamente, ao invés dos 2,80 € e 2 € que valiam até então.

Podemos então afirmar que o acerto no preço em banca é uma tendência seguida pela generalidade das publicações e não apenas pelo jornal *Correio da Manhã*. Poderíamos ser levados a pensar que o referido jornal se fazia valer da sua posição dominante do mercado para aumentar o preço final, mas isto parece-nos não ter fundamento. Por outro lado, podemos também pensar que, como o *Correio da Manhã* domina o mercado dos diários generalistas pagos, o aumento leva a que a concorrência, por arrastamento, o faça igualmente, um pouco à imagem do que se passa com as gasoleiras em Portugal. Ora, este cenário também não nos parece crível. Na verdade, o que paga e alimenta todas as empresas de comunicação social, e em especial os jornais, é a publicidade. Esta apresenta diferentes preços, dependendo, entre outros, do seu posicionamento em página: o preço numa página ímpar é bem diferente daquele que é praticado numa página par; o facto de possuir cor; de ser a preto e branco; de se situar no pé ou à cabeça da página. Saliente-se que a predominância de publicidade ocorre no canto inferior direito das páginas ímpares. Não é por acaso, é para onde o leitor olha em primeiro lugar, à parte de as notícias nessa página serem ou não do seu interesse. O que leva ao aumento do preço de capa dos jornais é a procura de, digamos, mais uma ajuda na cobertura dos custos de produção. Isto porque o papel de jornal não é produzido em Portugal, tem de ser importado. Assim, os custos de impressão são também impressionantes, porque não existem máquinas (as chamadas rotativas, tão popularizadas no filme *Primeira Página*) de fabrico nacional, são todas importadas de diferentes países.

³¹ O aumento de preço do *Correio da Manhã* foi justificado com alguns ajustes levados a cabo no jornal, nomeadamente com a introdução de uma nova revista: «*Os conteúdos que até agora eram oferecidos pelos cadernos 'Vidas', 'Vidas TV' e 'Éxito' em 100 páginas que vale a pena ler.*» (edição 10 445, de 5 de Janeiro de 2008). Assim, a diferença verificada para a concorrência encurtou com a entrada do novo ano, visto que desde o início de 2008 o jornal alterou os preços, ao passo que os seus concorrentes os mantiveram. Deste modo, não poderemos deixar de verificar que essa vantagem face à concorrência teve um efeito decrescente após os acertos de preço levados a cabo

³² Conferir Anexo 8

³³ O semanário *Sol* passou, desde Janeiro de 2008, a fazer parte do universo Cofina Media

3.1. As Condições Verificadas

Em termos de condições de trabalho, este é levado a cabo num local onde se adoptou o *open space* como modelo, aliás como acontece em muitas empresas presentemente. A iluminação apresenta-se, quanto a nós, insuficiente, sendo que não há, quase nunca, recurso à iluminação natural. A iluminação é, pois, feita por lâmpadas fluorescentes que, talvez devido à disposição das secretárias, se mostra incapaz criando dificuldades acrescidas, já que a leitura é feita na sua maioria em suporte ecrã. Só por si este tipo de leitura é já muito específico e divergente daquele levado a cabo em suporte papel. Lê-se em volume e em profundidade, inerente ao hipertexto, sendo totalmente diferente da forma de ler em superfície e sequência, característico dos textos em papel e dos livros.

Por outro lado, a temperatura ambiente é demasiadamente alta, criando também algum desconforto, mesmo em dias invernosos. O ar condicionado existe, mas mostra-se insuficiente, não sabemos se por ser escasso ou se por as máquinas existentes na redacção serem em número muito elevado, criando este *deficit* no conforto. Aliado a tudo isto, havia, antes da entrada em vigor da nova lei relativa ao tabaco³⁴, alguns elementos que pelo facto de fumarem na redacção poluíam o ar, já de si pesado, como aqui relatámos.

O carácter obsoleto dos computadores que atrasam por vezes o trabalho a ser levado a cabo não pode deixar de ser aqui descrito. Como sabemos, o mundo informático avança a uma velocidade vertiginosa o que, em pouco tempo, torna o *hardware* e o *software* ineficazes. Por outro lado, é notória a falta de computadores no Departamento de Revisão, havendo apenas duas máquinas para três, por vezes quatro pessoas. Quando assim é, recorre-se aos computadores da Paginação, departamento contíguo, ou a outro departamento, ainda que esteja mais afastado, originando um vaivém constante a quem tem de estar mais afastado, trazendo, por isso, um desconforto acrescido.

O espaço consagrado é, no presente, exíguo, algo tanto mais grave se atentarmos no facto de, numa redacção, as pessoas estarem sempre num ritmo muitíssimo acelerado por força das circunstâncias. A pressão é, com efeito, uma companheira omnipresente, algo que confere a esta actividade um certo interesse acrescido, segundo cremos. Uma consequência de isto que acabamos de descrever é o ambiente normalmente ruidoso que provoca a falta de concentração, essencial para levar a cabo um trabalho proveitoso. Porém, há que haver um nível de adaptação muito grande, de forma a contornar todos estes obstáculos, já que, apesar

³⁴ Para uma informação mais pormenorizada, consultar, por favor, a Lei n.º 37/2007 de 14 de Agosto, em <http://www.portaldocidadao.pt/NR/rdonlyres/570A96D4-FCF9-4627-9A6F-28169FFBF287/7007/2195141.pdf>

de tudo, não podem servir de desculpa para a não realização de um trabalho de excelência. Apela-se, pois, à capacidade de concentração e de abstracção dos elementos revisores que apenas pelo alheamento a muitos destes factores conseguem fazer um trabalho frutuoso.

Por sua vez, este trabalho de excelência levado a cabo pela Revisão é amplamente dificultado pela displicência³⁵ de alguns jornalistas relativamente à forma de escrita das informações prestadas. Este desmazelo parece em grande parte ser corroborado por pessoas que desempenham cargos de chefia, isto porque são estas pessoas insuspeitas que, por vezes, caem nesta pérfida forma. É, com efeito, este nivelar por baixo que gangrena o jornal e arruína a boa reputação que se lhe pretende conferir, corroborando a tese daqueles que defendem que o periódico em causa não tem defesa possível, votando-o irremediável e inexoravelmente à sua condição plebeia.

Não pensemos, porém, que o trabalho realizado foi elaborado debaixo de um clima dantesco, numa espécie de catábase helénica, até porque a relação com os colegas fez, desde sempre, suplantar as dificuldades encontradas. No seio do Departamento de Revisão, talvez por ser composto quase exclusivamente por elementos do sexo feminino, pudemos contar sempre com um enorme apoio, com a paciência hercúlea e com a candura própria de quem também já esteve num sítio novo a aprender coisas novas, onde tudo, na verdade, a cada dia é uma novidade. Relativamente aos outros departamentos, nada há a apontar, a não ser as boas relações humanas que foram sendo cimentadas com o passar do tempo, nomeadamente com os elementos da Paginação, devido sobretudo à contiguidade dos postos de trabalho. Neste sentido, o ambiente de trabalho é muito bom, imperando a boa disposição, algo que se mostra deveras importante, uma vez que faz esquecer e alivia a pressão a que estamos sujeitos no decorrer das funções a desempenhar.

Por sua vez, daquilo que pudemos constatar pelas nossas observações e através da interacção com diferentes elementos, verifica-se que, na verdade, a desmotivação de muitos trabalhadores é deveras visível, sobretudo naqueles que levam já mais anos de casa. Talvez este facto justifique alguma falta de empenho que por vezes parece transparecer, mas que em nosso entender não é verdadeira, no sentido em que querem e sabem fazer melhor. Contudo as suas intenções são obstadas por diversos motivos marginais ao propósito primeiro de informar. As chefias não sabem manter as suas equipas devidamente motivadas, sendo este factor, muito provavelmente, a causa maior da referida displicência. A concorrência não é feita de forma saudável não havendo a ligação desejada entre departamentos. A articulação é

³⁵ Assumimos aqui esta expressão, visto que não encontramos outra justificação, sobretudo se atentarmos no facto de nas redacções dos principais *mass media* portugueses predominarem os jornalistas detentores de carteira profissional, tal como ilustra o Anexo 9, quer dizer, com qualificações académicas que não são compatíveis com o tipo de conduta que aqui denunciámos – sobre esta temática, *vide* Gustavo Cardoso, (Coord.), op. cit., em <http://www.obercom.pt/client/?newsId=30&fileName=wr7.pdf>

feita de uma forma muito artificial e os reparos que o Departamento de Revisão faz, como lhe compete, quer sejam do universo linguístico ou técnico, quer mesmo do âmbito do jornalismo, quando detectados graves erros de matéria de facto, não são muitas vezes tidos como construtivos gerando situações de algum atrito. A própria articulação entre a hierarquia não parece ser feita de forma fluida, dando por vezes a sensação de que as coisas progridem ao doce sabor do vento e provocando mal-entendidos que, não raras vezes, se reflectem no produto final que se pretende levar ao leitor. Com efeito, não se percebe, muitas vezes, pelo trato ou pelas qualidades científico-técnicas, a mais-valia de alguns elementos que ostentam títulos de relevo no seio da instituição. Assim sendo, quando não se reconhece um inegável valor a um superior hierárquico surge algum desconforto que leva ao levantar de questões que, a este nível, deveriam ser sacrossantas. Por tudo isto, há por vezes, alguns episódios menos felizes onde as partes em contenda, nada mais tendo como argumento, fazem valer-se da posição que ocupam na hierarquia da empresa como forma de fazer prevalecer a sua ideia.

3.2. A Natureza das Funções Exercidas

Pela nossa parte, falando agora *stricto sensu* da natureza das funções exercidas, devemos afirmar que o estágio decorreu e atingiu os objectivos visados. Este facto deve-se em grande parte a termos sido sempre encarados como mais um elemento da equipa de Revisão, com as mesmas incumbências e com a mesma responsabilidade. No início do estágio as tarefas atribuídas eram mais simples e à medida que o tempo avançava o grau de exigência e complexidade corriam em paralelo.

Sem querermos ser injustos, não podemos dizer que fomos alvo de demorada atenção ou formação, até porque o tempo é demasiadamente limitado para isso, apenas nos foram facultadas as bases ao nível do *software* e do que se pretendia como trabalho final, tendo em conta o *deadline* que imperativamente deve ser respeitado. A aprendizagem foi efectuada em grande parte pelo ver fazer e aprendendo com os erros ou deslizes cometidos, não tanto ao nível linguístico, mas ao nível estilístico sobretudo. O jornal possui demasiados detalhes ao nível gráfico que a olho nu são quase imperceptíveis. Apenas errando e modificando o que se apresentava menos perfeito foi possível evoluir, aprendendo com essa falha. Assim, foi possível interiorizar um sem número de pormenores que de outra forma seria impossível.

Ao nível linguístico uma das principais dificuldades encontradas foi a linguagem, diríamos, própria do jornal, onde não há uma coerência marcada, um fio condutor pelo qual nos possamos guiar, ou seja, há palavras e expressões que funcionam de uma determinada

maneira dependendo dos contextos em que se inserem³⁶, sendo muito complicado estabelecer um padrão³⁷. O uso do itálico não se verifica e as aspas usam-se apenas em citações. Para destacar, por exemplo, uma palavra cujo sentido não é o primeiro usa-se comas, mas não em todas as ocorrências o que, como será de prever não pode deixar de levantar algumas dúvidas. Sempre que necessário para solucionar dúvidas maiores Departamento de Revisão usa o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia de Ciências de Lisboa, ou prontuários ortográficos. Acontece que nem sempre se pode fazer uma consulta aprofundada, pois o tempo não pára e há um jornal que imperativamente não retarda a hora de fecho. Apela-se, então, ao saber do revisor e à sua capacidade de raciocínio. No seguimento desta ideia, devemos relatar um episódio relativo a uma notícia³⁸ que nos suscitou algumas dúvidas, pelo que fomos directamente falar com um elemento da chefia, pois tratava-se de uma notícia da edição do Norte, isto porque se omite um pormenor importante que sem ele, a nosso ver, a formulação ganha um sentido estranho. Apesar de termos alertado para este facto junto do chefe de redacção, o facto foi desvalorizado, sendo-nos dada a absoluta certeza, de forma pouco simpática, de que a formulação não levantava qualquer tipo de mal-entendido ou dificuldade. Se, pelo que sabemos, a proficiência dos leitores, *grosso modo*, do jornal em causa não é muito elevada, com formulações deste tipo em nada se ajuda o público leitor com menos mestria na área da leitura, algo que contradiz sobremaneira, a nossa defesa da linguagem utilizada pelo jornal com o intuito de abarcar uma maior número de leitores, evitado a sua segregação quanto ao acesso à informação. A aplicação de uma linguagem depurada não tem necessariamente de andar de mãos dadas com a falta de rigor, até porque, como sobejamente é conhecido no campo da didáctica, o nível sintáctico desempenha um papel de enorme relevo no que concerne aos vários níveis de processamento linguístico disponíveis e necessários para uma frutuosa compreensão ao nível da leitura. A nossa interpretação para o caso exposto é: a perseguição foi encetada no final do tabuleiro da ponte D. Luís I e não no final da própria perseguição como erradamente se pode ser levado a pensar. A clareza na transmissão de uma notícia que pretende ser uma mais-valia face à concorrência é aqui grosseiramente quebrada.

Outro aspecto de relevo é o uso incorrecto de parágrafos, pois são usados para que o texto não fique com uma mancha gráfica muito compacta, mesmo que gramaticalmente isso não se admita. O mesmo princípio se aplica quanto a determinadas palavras que se tornam demasiado grandes em títulos ou legendas, como por exemplo *alta tensão* e *muito alta tensão*

³⁶ Um exemplo acabado é a manchete da edição do dia 11 de Dezembro de 2007 em que se omite o hífen apenas porque há uma mudança de linha e esteticamente ficaria mal, como se pode ver no Anexo 10

³⁷ Cf. Anexo 11, sobre este ponto

³⁸ Jornal *Correio da Manhã*, edição 10 444, de 4 de Janeiro de 2008 (cf. <http://www.correiomanha.pt/noticialmprimir.asp?idCanal=10&id=272227>)

que possuem diferenças significativas mas são empregues com o mesmo valor. Semelhante atropelo é feito relativamente ao uso de sinais de pontuação³⁹ que servem para conferir significado ao texto, podendo mesmo alterá-lo, sendo o seu uso uma forma de evitar ambiguidades e, ao mesmo tempo, é uma maneira muito simples de levar o leitor a ler grupos de palavras, ou seja, unidades de sentido que se revelam muito úteis para a almejada compreensão. Facto é «*que a sintaxe de cada vez mais portugueses decalque na escrita a oralidade. Que a arte da pontuação seja desconhecida mesmo por pessoas de cultura, que displicentemente delegam tais preocupações miúdas nos seus revisores tipográficos*»⁴⁰, o que com efeito verificámos não raras vezes.

Por sua vez, as frases ambíguas⁴¹ são muito frequentes o que nem sempre é entendido por quem as escreve, pese embora o nosso esforço. Um dos exemplos é a frase «*Detida mulher de 22 anos por conduzir veículo sem habilitação.*»⁴² Caso para perguntar quem não teria habilitação, se o veículo se a mulher. De igual modo, ajudámos ainda a evitar a publicação de algumas formulações redundantes: «*soterrados debaixo*»; «*recém-nascida há pouco tempo*»; «*submerso em água*».

Deixamos aqui alguns dos exemplos práticos vividos com os quais nos deparámos e que, da melhor maneira, tentámos dar solução. Visto que não há lugar para o erro, aumenta a pressão; a existência do erro é sinónimo da sua multiplicação por mais de 100 000. É uma responsabilidade muito grande e, ao mesmo tempo, um desafio imensurável. A adrenalina é muita, há um enorme desgaste devido à combinação de todos os factores. Talvez por isso o sistema adoptado seja o trabalho durante quatro dias e o descanso de dois, num sistema de rotatividade permanente como forma de mitigar essa corrosão natural que tende a instalar-se. Contudo, visto a responsável do estágio na instituição ter mostrado desde sempre uma grande flexibilidade, foi-nos proposto e prontamente aceite um horário diferente, onde apenas

³⁹ Cf. Celso Cunha e Lindley Cintra, op. cit., p. 639 e segs.

⁴⁰ Ivo Castro, op. cit., p.102

⁴¹ Há, com efeito, diferentes tipos de ambiguidade, já que «*as combinações de palavras são dotadas de uma organização hierárquica (estrutura de constituintes)*» (Isabel Faria, Armanda Costa, Inês Duarte e Maria João Freitas, “Se o paradigma da ciência cognitiva se tornasse dominante no âmbito da educação, que mudanças poderíamos esperar ao nível do ensino da Língua Materna?”, in DUARTE, Inês e LEIRIA, Isabel (org.), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, Lisboa, Ed. Colibri/APL. pp. 423-424). Deste modo podemos distinguir três tipos de ambiguidade:

- 1) Ambiguidade lexical – O João também o achou (encontrou/pensou)
- 2) Ambiguidade estrutural/sintáctica – O João trouxe vinho do Porto (trouxe vinho do Porto/trouxe vinho da cidade do Porto)
- 3) Ambiguidade semântica – Todos os rapazes desta turma amam uma rapariga (uma rapariga qualquer/a mesma rapariga)

⁴² *Jornal Correio da Manhã*, edição 10 448, p.11

desempenháramos funções de segunda a sexta-feira, sendo que a quarta-feira seria para descanso. O horário estava, então, definido entre as 17h00 e as 23h00⁴³.

Pela nossa parte, sempre que necessário ou sempre que solicitado fizemos horas extras, nomeadamente por alturas do Ano Novo onde o fluxo de trabalho aumentou consideravelmente devido, por exemplo à revista *Correio Domingo* que saiu com um número especial de 100 páginas⁴⁴, as quais foram em grande medida revistas por nós. Com efeito, foi com enorme regozijo que após um mês do início do estágio, sensivelmente, ficámos com a incumbência de fechar o suplemento *Correio Sport* que acompanha sempre as edições de sábado do jornal em causa, sendo este trabalho de enorme responsabilidade, pois uma vez mais não pode haver tolerância para erros. Para além deste suplemento, colaborámos ainda em outros (como aquele elaborado a propósito do rali Lisboa-Dakar⁴⁵), com especial destaque para a revista *Correio TV* que exige enorme paciência e minúcia, uma vez que apresenta um sem número de programas e respectivos horários que devem ser totalmente conferidos. A revisão de páginas finais, aquelas que serão depois enviadas para a gráfica e que não sofrerão mais alterações, foi também uma das tarefas atribuídas, algo que exige redobrada atenção, pois aquele é o último momento antes da impressão.

Somos levados a crer que não defraudámos as expectativas depositadas, mormente quando incumbidos de tarefas de maior monta, e que o empenho, por um lado, e o fruto do trabalho apresentado, por outro, foram sempre a garante de que a aposta inicialmente feita não sairia beliscada. Assim foi, pelo menos, o *feedback* fornecido quer pelas colegas, quer pela responsável. Foi-nos sempre dada toda a liberdade e autonomia para fazer reparos ou solicitar explicações a outros departamentos ou jornalistas sempre que isso se mostrasse pertinente. A resolução de dúvidas não constituiu de igual modo qualquer entrave, já que as colegas se mostraram sempre disponíveis quando solicitadas.

Talvez pelo que acima dizemos, para nosso júbilo, na recta final do estágio tenhamos feito a revisão de páginas importantes, como aquelas que servem de abertura de secção⁴⁶, a última página ou até artigos de opinião, os quais não devem ser objecto de muitas alterações, uma vez que as individualidades que os assinam não as tomam de bom-grado.

Por outro lado, as nossas observações sempre foram levadas em consideração, não só quando se referiam a páginas do interior do jornal, como também quando diziam respeito à Primeira página, que é sempre alvo da maior atenção de todos, sobretudo na edição nacional.

⁴³ Vide Anexo 12

⁴⁴ Jornal *Correio da Manhã*, edição 10 440, de 30 de Dezembro de 2007

⁴⁵ Jornal *Correio da Manhã*, edição 10 437, de 27 de Dezembro de 2007

⁴⁶ Cf. Anexo 16

No final de cada tarefa há a necessidade de assinar um plano respeitante à edição em causa, onde se coloca igualmente a hora e, eventualmente, outras observações, como por exemplo o número de páginas em falta a determinada altura⁴⁷. Este documento faz fé na eventualidade de algo correr mal, o que, felizmente, nunca aconteceu no período correspondente ao nosso estágio.

Como podemos verificar, o empenho e brio do Departamento de Revisão são muito evidentes e se algo não corre como previsto há maneira de encontrar o responsável para se tentar perceber o porquê da falha. Porém, durante a vigência do nosso estágio não houve nunca a necessidade de tal demanda, uma vez que tudo correu sempre como o previsto. A título pessoal, não podemos igualmente deixar de ficar satisfeitos pela forma como tudo se processou, isto é, tendo em linha de conta o resultado final. Corrobora sobejamente esta nossa visão a avaliação efectuada pela responsável do estágio⁴⁸ no impresso usado pelo Departamento de Recursos Humanos no seio do grupo Cofina Media.

3.3. A Estrutura do Jornal

O jornal é normalmente composto por 52 páginas⁴⁹, sendo que as páginas coloridas são uma presença constante, especialmente as que se referem à abertura de secção. Esta estrutura⁵⁰ não é de todo fixa, podendo ser alterada, por exemplo, devido à solicitação de publicidade. De realçar que nas edições de sexta-feira, sábado e domingo há sempre uma revista que acompanha o jornal⁵¹.

A múltipla estratificação do jornal, típico da imprensa escrita, pode ser corroborada pelas seguintes palavras: «*Quanto à subdivisão temática e organizativa das diferentes redacções, as de Televisão e Rádio são aquelas onde a maior parte dos jornalistas inquiridos exerce funções na secção de Informação Geral, sendo que nas redacções da Imprensa se destaca uma maior divisão por secções temáticas, da financeira à desportiva e à cultura.*»⁵²

Por outro lado, a correlação existente entre o jornal em suporte papel e em suporte

⁴⁷ Cf. Anexo 13

⁴⁸ Cf. Anexo 14

⁴⁹ Este número pode sofrer alterações, principalmente nas edições do fim-de-semana ou quando há solicitações extraordinárias de publicidade (cf. Anexo 15)

⁵⁰ Esquemáticamente podemos representar a estrutura do jornal na sua edição nacional, tal como se apresenta no Anexo 16

⁵¹ Na edição de sábado, desde a edição do primeiro sábado do ano de 2008, os suplementos que acompanham o jornal, nomeadamente o *Éxito* e o *Vidas TV*, foram substituídos pela revista *Vidas*, à excepção do suplemento *Correio Sport* que se manteve inalterado quanto ao formato

⁵² Gustavo Cardoso, (Coord.), op. cit., p.7

digital verifica-se pelo facto de a edição *on-line* ser feita a partir daquilo que se faz para o suporte papel. Por seu lado, o suporte papel publica diariamente o *Fórum dos Leitores* de acordo com as informações recolhidas *on-line*, no site www.correioManha.pt.

Com efeito, o jornal *Correio da Manhã* não descurou a sua vertente *on-line*, como de resto se pode verificar entre os seus pares, tendo sempre em atenção que a componente *on-line* é cada vez mais recorrente no contexto informativo. O digital é, com efeito, um novo suporte que não suplantará os outros já existentes, mas antes completa a panóplia relativa à oferta feita ao público consumidor. O futuro do contexto informativo passará em grande medida quer pelos jornais gratuitos, quer pelo suporte digital, de onde a Internet tem uma importância irrefutável. Há, porém, imensos descrentes na coexistência de tanta oferta, alegando que não há mercado para todos, sendo que este argumento é enfatizado no caso português. Não partilhamos, todavia, desta perspectiva nem tão-pouco quando se diz que o recurso ao digital é apenas uma moda passageira. A Rádio não veio matar a imprensa escrita, a Televisão não veio matar a Rádio e cremos que o digital não matará nenhuma das anteriores, até porque a cadeia alimentar no plano informativo não parece ter ganho qualquer fundamento com a passagem dos anos. A este propósito estão também os profissionais do ramo conscientes. «É, contudo, nas redacções da Imprensa (21,0%), (...) que se verifica um maior número de jornalistas a concordar, ainda que em parte, com esta última perspectiva [, ou seja, com o facto de as edições *on-line* poderem vir a substituir as edições tradicionais].»⁵³ Parece ser consensual que o digital veio abrir novas portas quanto à possibilidade de trabalho, alterando o quotidiano de uma redacção. A Internet é hoje uma ferramenta indispensável no mundo informativo; é, em certa medida, o seu âmago, o elo de ligação entre a produção de um jornal, por exemplo, e o produto acabado. O *e-mail* substitui em muitas tarefas o telefone, diminuindo significativamente os custos e aumentando a rentabilização de tempo. Nas grandes empresas, como a Cofina Media, existe também a Intranet, um sistema interno de ligação em rede, que facilita e aproxima a comunicação entre os vários elementos e departamentos do grupo. O fax, por sua vez, só se utiliza presentemente em casos muito particulares. Com efeito, o *e-mail* simplifica em muito o quotidiano de uma redacção, pela facilidade de contacto, rapidez e custo que representa. Todavia, «A maior parte dos jornalistas, sobretudo os jornalistas da imprensa (73,3%), consideram que a generalidade dos media faz um uso pouco optimizado das potencialidades da Internet.»⁵⁴ A reter ainda «a ideia de que a informação veiculada nas edições *on-line* é dirigida a públicos mais

⁵³ Idem, p.13

⁵⁴ Gustavo Cardoso, (Coord.), op. cit., p.19

escolarizados por comparação com os públicos das edições tradicionais»⁵⁵, talvez por isso estas edições sejam tendencialmente menos sensacionalistas.

O digital é, sem dúvida, um filão que tem vindo a ser explorado ao longo do últimos anos e, de facto, «*as empresas de media, estão cada vez mais dependentes do uso intensivo da Internet, quer como espaço de informação quer como espaço de trabalho e de comunicação, para concretizar este objectivo*»⁵⁶. Por tudo isto, fará, pois, todo o sentido não só o advento do digital mas também a sua coexistência com aquilo que já existe e que está perfeitamente cimentado quanto aos costumes. O digital será, sob este ponto de vista, uma outra face da mesma moeda que não veio para substituir nada, mas antes para enriquecer aquilo que já existe.

Assim sendo, no laborioso esforço empreendido a cada dia na elaboração do jornal devemos ter em linha de conta as diferentes fases pelas quais este se submete até que ganhe a sua forma final. O trabalho é realizado em cadeia, ou por fases, se preferirmos, envolvendo inúmeros profissionais de áreas distintas e com diferentes valências. Leva largas horas nessa sua viagem, mas a edição do jornal é normalmente fechada pelas 22 horas, podendo haver alguns atrasos, como por exemplo devido a eventos desportivos. Porém, nunca se excede o *deadline* das 23 horas, sob pena de não haver tempo para que a gráfica faça a impressão do jornal, ainda que isso implique a não revisão de artigos ou mesmo de páginas. Nestes casos, apenas são tidos em conta os títulos, subtítulos, antetítulos, legendas e algumas características do foro gráfico, como por exemplo fotografias, para que tenham a devida correspondência com a legenda que as acompanha.

Após todo o jornal estar pronto, passa-se à revisão da Primeira página que fará parte dessa edição. Antes de mais é feita a página da edição do Norte, cerca de 10 minutos depois a da edição do Algarve e, finalmente, cerca de 20 minutos depois, a da edição Nacional. Deste modo, o tempo que medeia a revisão da edição do Norte, a primeira a ser efectuada, e a edição Nacional, a que tem cuidados redobrados, é cerca de 30 minutos. Contudo, a Primeira página não possui, normalmente, grandes diferenças entre as três edições, salvo se houver alguma notícia digna de nota que toque especialmente nos interesses de uma determinada região⁵⁷.

O *software* utilizado para a escrita dos artigos e para a sua posterior revisão é o Milenium Editor v. 5.0, da Protec⁵⁸, e o QuarkXpress v.6.5, da Quark⁵⁹, é utilizado no *mise en page*, sendo também através deste *software* que são feitos todos os tipos de arranjos ao nível

⁵⁵ Idem

⁵⁶ Ibidem, p.41

⁵⁷ Acerca dos diferentes momentos na elaboração de uma página, *vide* Anexo 17

⁵⁸ Cf. <http://www.protecmedia.com>

⁵⁹ Cf. <http://www.quark.com>

gráfico. Há depois outros programas, especialmente quando se referem ao tratamento de imagem, infografias, etc. Todavia, é sobre o Milenium Editor que a Revisão trabalha⁶⁰, acontecendo por vezes alguns problemas, já que de quando em vez o programa apresenta falhas, atrasando todo o trabalho de escrita e revisão dos artigos.

3.4. O Jornal à Lupa

Pese embora as advertências feitas pela equipa de Revisão, a edição de 22 de Dezembro de 2007 do jornal *Correio da Manhã* chegou às bancas com uma manchete muito infeliz⁶¹, especialmente porque não rimava com a verdade. A formulação empregue não é, pois, a correcta, uma vez que, como é sobejamente conhecido, o Governador do Banco de Portugal não possui competências para despedir pessoas pertencentes a quadros de bancos privados ou públicos, sendo que em Portugal só existe, presentemente, a Caixa Geral de Depósitos, ainda que tenha no seu quadro accionista investidores privados como, por exemplo, o BCP. A actuação do Banco de Portugal prende-se, neste sentido, apenas com o acto de regular a actividade bancária no País, não se imiscuindo em questões do foro interno de cada instituição. Por outro lado, a «*maior instituição bancária portuguesa*» não é, como se faz crer, o BCP (Banco Comercial Português), mas antes o grupo encabeçado pela Caixa Geral de Depósitos. O BCP é, em bom rigor, o maior banco privado português, pormenor este que faz toda a diferença.

O que em nosso entender deveria ter sido publicado era algo semelhante àquilo que o jornal *Expresso*⁶² fez: «*Constâncio retira confiança aos administradores do BCP*». A formulação adoptada não tem tanto impacto junto do leitor, é verdade, contudo, de um ponto de vista prático, é bastante mais rigorosa, não induzindo à falácia que aqui denunciámos. Esta falta de rigor perpetrada pelo *Correio da Manhã* não abona em favor de ninguém: não protege o leitor, já que o induz em erro; não credibiliza o jornal, pois noticia algo que não é rigoroso, nem tão-pouco verdadeiro; não dignifica os jornalistas, uma vez que são os seus nomes que assinam as notícias; não enobrece as chefias que, apesar das recomendações, não tiveram o alcance necessário para perceber o mau serviço que se propuseram a prestar.

⁶⁰ Vide Anexo 18

⁶¹ Vide Anexo 19

⁶² Jornal *Expresso*, edição n.º 1834, de 22 de Dezembro de 2007

Apesar dos esforços da Revisão, facto é que há sempre deslizos, sobretudo quando o mínimo detalhe não é tido em consideração, como aconteceu no suplemento da edição 10 438, de 9 de Janeiro de 2008, que erradamente foi numerada com o número 10 439⁶³.

Não pensemos, porém, que estas faltas à verdade ocorrem apenas e só em jornais como o *Correio da Manhã*. Antes fosse. Acontece que jornais ditos de referência também pecam de quando em vez com manchetes menos felizes. Lembramo-nos da manchete do *Diário de Notícias*, na edição de 19 de Outubro de 2007⁶⁴, a qual refere que para o Tratado de Lisboa não havia ainda um acordo definitivo. Ora, antes mesmo do fecho da edição já se sabia que na verdade o acordo para o Tratado estava firmado. O *Público* conseguiu dar essa informação: «*Tratado de Lisboa nasceu hoje às 00h45*».

Por sua vez, também o jornal *Público* na edição de 3 de Dezembro de 2007 tem uma manchete que não corresponde de todo à verdade⁶⁵, pois aquilo que é anunciado relativamente à situação vivida na Venezuela é exactamente o oposto daquilo que na realidade se verificou.

Constatamos então que, neste sentido, não parece o *Correio da Manhã* estar tão aquém quanto à sua concorrência mais directa, já que também ela não está imaculada.

Com efeito, podemos considerar três factores decisivos que pesam na decisão quanto à compra de um jornal dito de referência, nomeadamente a qualidade da informação, da análise e da opinião. Contrariamente, estas premissas de uma cultura de exigência estão ainda muito longe de chegar às redacções. Não esqueçamos, porém, que o consumo de informação se alterou não só quanto à exigência, mas também quanto ao modo de ler. Estas mudanças devem implicar um novo conceito de jornal e não apenas um jornal à moda antiga melhorado. Por tudo isto se investe sobremaneira em recursos humanos, tecnologias, grafismo, meios, colecções e toda a sorte de anexos como forma de persuadir a compra.

Não se pretende aqui fazer um estudo comparativo, uma vez que não é esse o propósito do presente escrito, porém, não se pode deixar de dar lugar à análise comparativa a título exemplificativo sempre que isso se mostre pertinente.

O carácter popular do jornal *Correio da Manhã* não pode servir de escape para a prestação de um mau serviço e, como tal, nem sempre deve ser encarado com bons olhos, já que, para além de tudo o que dissemos, devemos ter em linha de conta que dar o tratamento a uma determinada notícia pela negativa nem sempre se apresenta como a melhor solução. Se, por um lado, desperta de forma mais imediata o interesse do leitor, por outro pode incorrer-se em inverdades ou meias verdades devido à condução do leitor numa determinada falácia. Quando assim é, compromete-se grandemente o rigor que se pretende e resvala-se para o

⁶³ Vide Anexo 20

⁶⁴ Vide Anexo 21

⁶⁵ Vide Anexo 22

sensacionalismo ou, no limite, para a manipulação de ideias ou perspectiva(s). Um exemplo que não podemos furtar-nos a dar prende-se com uma outra notícia que serve de manchete no *Correio da Manhã* relativa aos gastos dos deputados⁶⁶: «3,4 milhões em viagens; deputados gastam mais 15,4%». Claro está que a notícia não deixa de ser verdadeira, até porque os valores são coincidentes com os do jornal *Público*, porém, este jornal faz uma abordagem completamente distinta desta questão, enfatizando antes outro aspecto. Assim, podemos ler na última página do *Público*, na rubrica *Sobe e Desce*, o elogio feito a Jaime Gama: «*Em tempos de austeridade, é bom saber que há órgãos de soberania preocupados em dar o exemplo. Foi o que fez a Assembleia da República, que no orçamento que elaborou para o próximo ano prevê um corte de 17 milhões de euros em relação aos gastos de 2007. Mesmo que os mais cínicos torçam o nariz aos 110 milhões de euros que o Parlamento vai gastar, o corte revela, ao menos, bom senso político.*»⁶⁷

A distinção para o tratamento da mesma notícia parece-nos aqui bastante clara. Enquanto que o *Correio da Manhã* prefere salientar o aumento de uma das parcelas do Orçamento de Estado de 2008, o *Público* aborda a redução da verba global que será efectivamente levada a cabo. Haverá de um e de outro lado interesses meramente jornalísticos ou está esta abordagem impregnada de intenções políticas?

Todavia, segundo cremos, nem sempre o tratamento e apresentação da informação levados a cabo pelo *Correio da Manhã* é repreensível. Recuemos, pois, no tempo e vejamos que o *Diário de Notícias* toma como principal notícia o futebol, dividindo a primeira página com Freitas do Amaral. Só por si já será de estranhar dada a importância da situação, mas ainda assim é mais equilibrado do que o *Público* que esmaga com Scolari as mudanças levadas a cabo no Governo. O *Correio da Manhã*, por seu lado, é o único a dar a devida importância à saída do então ministro dos Negócios Estrangeiros, talvez por não sentir necessidade de competir pela popularidade⁶⁸.

Deixamos aqui alguns exemplos do que de bom e de mau se faz no *Correio da Manhã* e nos seus concorrentes mais directos, sem que isto pretenda de todo beliscar o bom-nome das instituições ou de quem lhes dá corpo. Pretendemos apenas com esta análise não exaustiva alertar para o facto de um jornal «popular» não ser sinónimo de descrédito ou falta de rigor, já que nenhuma publicação, por muito séria que pretenda ser (mesmo as tidas como de referência), se mostra imaculada, como pretendemos demonstrar.

⁶⁶ Jornal *Correio da Manhã*, edição de 13 de Novembro de 2007 (vide Anexo 23)

⁶⁷ Jornal *Público*, edição n.º 6437, de 13 de Novembro de 2007, p.44 (vide Anexo 23)

⁶⁸ Vide Anexo 24

Conclusão

Aludimos agora à guisa de conclusão a alguns factos dignos de nota atinentes ao universo da imprensa.

A paisagem relativa aos *media* no caso português é dominada pela imprensa escrita, por um lado, e pela televisão, por outro. A imprensa escrita tem, contudo, primazia quanto às questões concernentes ao mundo da política, economia ou vida quotidiana, tendo, pois, um papel crucial na formação de opinião do público em geral. Os jornais atingem 54% da população adulta⁶⁹ com uma média de 82,3% da população⁷⁰. Portugal é igualmente terreno fértil para publicações regionais e locais, tendo 24 títulos regionais e locais auditados pela APCT (Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação); já a GMCS (Gabinete para os Meios de Comunicação Social) conta com mais 623 jornais registados.

Por cada jornal vendido há, em média, 3,5 leitores para jornais diários, aumentando este número para entre 10 e 12 quando se trata de jornais desportivos ou tablóides. A partilha de jornais verifica-se sobretudo em cafés ou outros locais públicos ou semi-públicos, sendo esta prática corrente no comportamento social, sobretudo nas grandes cidades.

Há uma outra particularidade no caso português que se prende com o facto de haver três jornais desportivos diários, os quais focam quase em exclusivo o futebol. Os leitores dispensam imenso tempo discutindo sobre desporto, havendo a tendência para a partilha de jornais. Ao que parece, este comportamento peculiar deve-se ao facto de, durante a ditadura do Estado Novo, os jornais desportivos não terem sido um alvo muito forte de censura, aliado ao facto de nos países latinos o futebol ter uma preponderância muito vincada, sendo mesmo visto como um fenómeno social.

Por sua vez, nos últimos quatro anos, a imprensa escrita diária gratuita tem conhecido enormes desenvolvimentos, havendo já (pelo menos) uma meia dúzia de títulos que se centram desde o desporto aos assuntos económicos. Em 2006 a distribuição gratuita de jornais diários encontrava-se já acima dos 290 000 exemplares; outro mercado que tem vindo a crescer desmesuradamente tem sido o das edições *on-line*, havendo inúmeros jornais disponíveis na Internet.

Toda esta conjuntura favorece sobremaneira a população, quer dizer, a imprensa desempenha um papel fundamental do ponto de vista social, uma vez que propicia o aumento da literacia da população, aspecto este muito importante no contexto nacional. Sobre este

⁶⁹ Considera-se indivíduos com 25 anos ou mais

⁷⁰ Considera-se indivíduos com 15 anos ou mais

assunto basta lembrarmo-nos de projectos como a *Visão Júnior* ou *Público na Escola*, onde desde cedo, isto é, desde a idade escolar, se fomenta o recurso à imprensa escrita.

Por seu lado, as medidas legislativas têm ajudado ao florescimento deste mercado⁷¹, já que o IVA aplicado neste contexto é a taxa reduzida de 5%; a distribuição postal é comparticipada em 60%⁷²; os próprios jornalistas estão mais protegidos nos seus direitos; as leis nacionais respeitantes aos *media* estão em consonância com as normas e instituições europeias; a instituição que regula os *media* em Portugal, a ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social, é independente não estando, pois, agregada ao Governo.

Na verdade, o sector da imprensa tem conhecido grandes mudanças desde 2000, onde podemos verificar vendas e aquisições protagonizadas pelos grandes grupos económicos ligados ao sector, de onde se destaca a Lusomundo Media, a Controlinveste, a Cofina Media ou a Media Capital. As instituições que dirigem as publicações periódicas têm vindo a alterar o seu *modus operandi* no que diz respeito por exemplo aos recursos humanos, aos sistemas de impressão e sobretudo inovando através da introdução de brindes, pagos ou não, e suplementos que acompanham as edições, sendo que estas tendem a oferecer conteúdos cada vez mais diversificados.

Por outro lado, o futuro passa em grande medida pela emergência do *on-line*, nomeadamente através de *blogs* e pela publicação de notícias em dispositivos móveis, sendo este um nicho de mercado muito interessante a explorar, sobretudo perante um público mais jovem; há ainda a referir a criação de plataformas de redes sociais associadas a publicações *on-line*, as quais podem ter um importante papel na imprensa local e regional, exactamente pela estreita interacção promovida. Deste modo, a ameaça constituída pela Internet e vociferada por alguns torna-se numa oportunidade positiva, um trunfo mais para o único canal que veicula a sua informação usando o papel como suporte de leitura e que goza de uma credibilidade ímpar no seio dos *media*, não obstante o advento de outros meios, como por exemplo a televisão digital, que se direccionam para audiências muito específicas mas que não gozam desse estatuto único que é prestar informação credível baseada no dia-a-dia.

Em suma, pelo que acima dizemos, parece-nos pertinente afirmar que a imprensa escrita em Portugal tem todas as condições para continuar a ter um futuro risonho, até porque, de acordo com dados recentes, há cada vez mais leitores de publicações periódicas⁷³, nomeadamente jornais, independentemente de serem gratuitos ou pagos, em suporte papel ou *on-line*.

⁷¹ Cf. ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social, op., cit., p.91 e segs.

⁷² Cf. www.apimprensa.pt/cache/bin/XPQQlnQXX434XYSd5ummprZKU.pdf

⁷³ Vide Anexo 25; Cf http://www.marktest.pt/produtos_servicos/Bareme_Imprensa/default.asp?c=1012&n=1730; http://www.marktest.pt/produtos_servicos/Bareme_Imprensa/default.asp?c=1012&n=1648;

Por tudo isto, pareceu-nos este ser o terreno propício para lançar algumas sementes que esperamos que germinem. Deste modo, as observações que fazemos não pretendem ser juízos de valor nem tão-pouco devem ser vistas como tal. Não é nossa intenção julgar a instituição nem visam ninguém em específico, são apenas o reflexo natural de conversas e vivências. Tentámos através destas linhas dar diferentes pontos de vista sobre a mesma realidade, isto é, enquanto estagiário, procurámos dar diferentes ângulos de visão do mesmo objecto. Tentámos falar sobre os diferentes aspectos relacionados com o jornal numa perspectiva, digamos, pedagógica e sobretudo construtiva. Não referimos nomes, apenas factos que se apoiam em vivências ocorridas durante os meses do período de estágio.

A escolha de uma redacção em detrimento de uma editora comportou enormes riscos. Porém, estamos agora em condições de afirmar que encontramos aquilo que procurámos, logo, as expectativas criadas corresponderam em grande escala ao obtido com o estágio. À parte das diferenças existentes entre a redacção de um jornal e uma editora, o trabalho levado a cabo foi igualmente substantivo e, se pelo facto de não termos escolhido uma editora, como seria de prever, tenhamos passado ao lado de determinadas experiências, não menos verdade é que a escolha feita nos deu uma bagagem que de outra forma não poderia ser adquirida.

Há ainda, com efeito, tempo para novas práticas, pois o caminho não acaba neste momento... tem início somente agora.

Bibliografia

- 📖 BENAVENTE, Ana; ROSA, A.; COSTA, F. e ÁVILA P., A Literacia em Portugal: Resultados de uma Pesquisa Extensiva e Monográfica, Fundação Calouste Gulbenkian e Conselho Nacional de Educação, Lisboa, 1996
- 📖 CARDOSO, Gustavo (Coord.), A gestão dos recursos humanos nas redacções dos mass media em Portugal, s/ local, 2006
- 📖 CASTRO, Ivo, “História da Língua/Ensino da Língua”, in Actas do Congresso sobre a Investigação e Ensino do Português, ICALP, Lisboa, 1989, pp.95-104
- 📖 CUNHA, Celso, CINTRA, Luís F. Lindley, Nova Gramática do Português Contemporâneo, Edições João Sá da Costa, 16.ª Edição, Lisboa, 2000
- 📖 ENPA – European Newspaper Publishers Association, Europeans Read Newspapers 2007, Valtteri Niiranen Ed., Brussels, 2007 [pp. 175-180]
- 📖 ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social, Relatório de Regulação 2006, Colibri, Lisboa, 2007
- 📖 FIGUEIRAS, Rita Maria Brás Pedro, Os Comentadores e os Media. Os autores das colunas de opinião, Livros Horizonte, Lisboa, 2005
- 📖 GIASSON, Jocelyne, A Compreensão na Leitura, Colecção Práticas Pedagógicas, Edições Asa, Lisboa, 1.ª Edição, 1993
- 📖 LURIA, A.R., Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria/A.R. Luria, (Trad.) Diana Myriam Lichtenstein e Mário Corso, Porto Alegre: Artes Médicas, 1987
- 📖 OCDE, Literacy in the information age: final report of the international adult literacy survey, Paris, 2000, OCDE
- 📖 PEREIRA, Dília Ramos. “O papel dos diferentes ambientes da língua de *input* no processo de aquisição, desenvolvimento e aprendizagem da língua materna”, in Para a Didáctica do Português: seis estudos de linguística, Lisboa, Edições Colibri, 1992, pp. 23-44

📖 SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, Teoria da Literatura, Livraria Almedina, 8.ª Edição, Coimbra, 1997

📖 SIM-SIM, Inês, “Desenvolver a Linguagem, Aprender a Língua”, *in* A. de Carvalho (ed.), Novas Metodologias em Educação, Porto Editora, Porto, 1995

📖 SIM-SIM, Inês, Desenvolvimento da Linguagem. Lisboa, Universidade Aberta, 1998

Outras Fontes

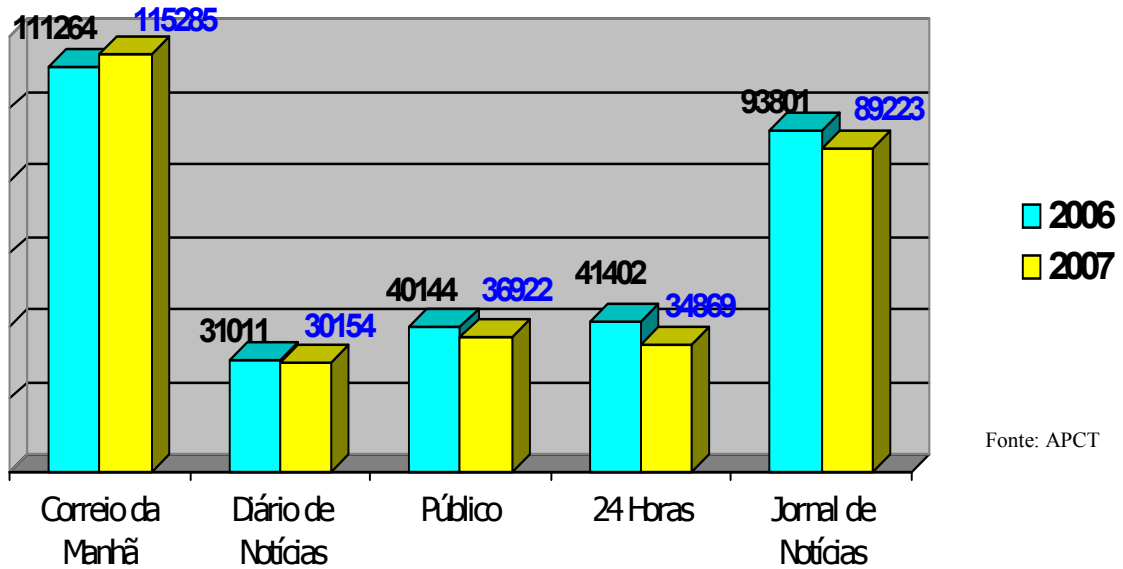
-  <http://abrupto.blogspot.com> – Última consulta efectuada a 18 de Fevereiro de 2008
-  <http://bocc.ubi.pt/pag/ferreira-gil-linguagem-modernidade.html> – Última consulta efectuada a 2 de Fevereiro de 2008
-  <http://www.clubedejornalistas.pt/DesktopDefault.aspx?tabid=327> – Última consulta efectuada a 30 de Janeiro de 2008
-  http://site.apct.pt/homepage_00.aspx – Última consulta efectuada a 5 de Fevereiro de 2008
-  <http://abrupto.blogspot.com> – Última consulta efectuada a 11 de Fevereiro de 2008
-  <http://apentefino.blogs.sapo.pt/13922.html>
-  <http://www.obercom.pt/client/?newsId=30&fileName=wr7.pdf> – Última consulta efectuada a 18 de Fevereiro de 2008
-  <http://www.zebananas.com/POR/Dezembro22.htm> – Última consulta efectuada a 19 de Fevereiro de 2008
-  www.apimprensa.pt/cache/bin/XPQQlnQXX434XYSd5ummprZKU.pdf – Última consulta efectuada a 21 de Fevereiro de 2008
-  <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5551.PDF> – Última consulta efectuada a 30 de Janeiro de 2008
-  <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/idiomatico/05/02.html> – Última consulta efectuada a 30 de Janeiro de 2008

Anexos

Anexo 1

Jornais Generalistas Diários Pagos

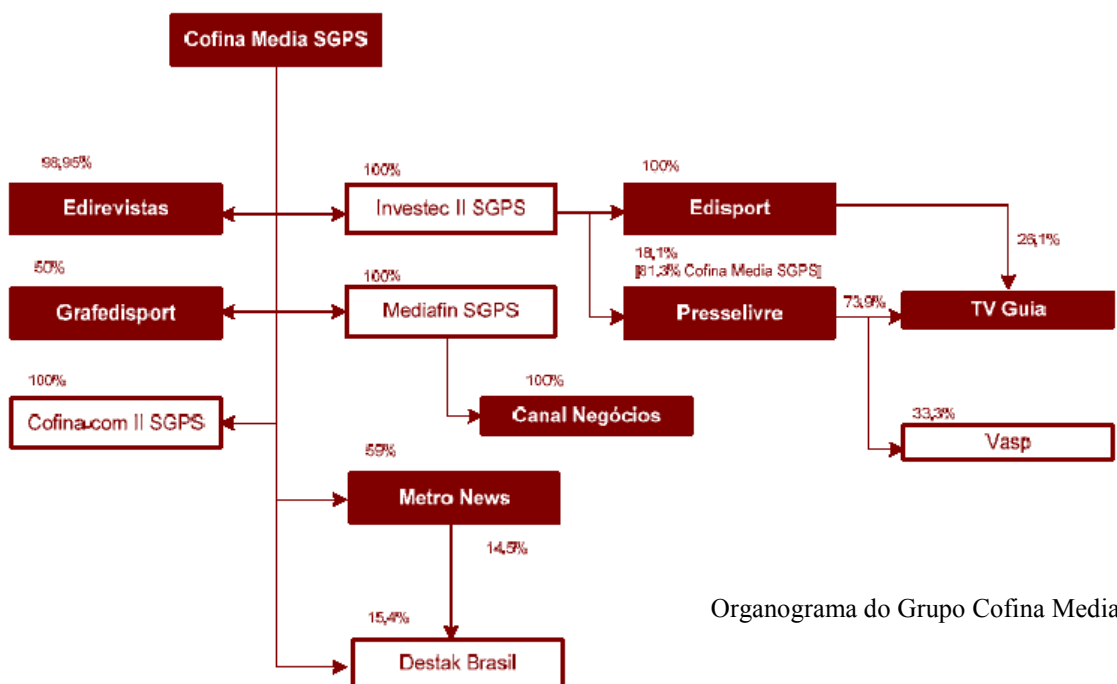
Média de venda em banca de Janeiro a Setembro de 2007 e período homólogo de 2006



N.B.: Os dados do último trimestre de 2007 só estarão disponíveis a partir de 27 de Março de 2008 (cf.

http://www.apct.pt/noticias_02.aspx?noticiaid=6&indice=2.1)

Anexo 2



Anexo 3

Produtos que compõem o *portfolio* do grupo Cofina Media

Presselivre	Edirevistas	Edisport	Canal de Negócios	TVG
Correio da Manhã Sábado	Máxima Máxima Interiores Vogue Rotas & Destinos PC Guia Automotor Semana Informática GQ	Record	Jornal de Negócios	TV Guia Flash!

Anexo 4

Edição *on-line* de algumas das publicações do grupo Cofina Media

CATEGORIA	PUBLICAÇÃO	SITE
<u>Diários Generalistas:</u>	<i>Correio da Manhã;</i>	www.correiodamanha.pt
<u>Diários Desportivos:</u>	<i>Record;</i>	www.record.pt
<u>Jornais de Economia:</u>	<i>Jornal de Negócios;</i>	www.jornaldenegocios.pt
<u>Jornais Gratuitos:</u>	<i>Destak;</i>	http://www.destak.pt
	<i>Meia Hora;</i>	http://www.meiahora.pt
<u>Revistas Generalistas Semanais:</u>	<i>Sábado;</i>	http://www.sabado.xl.pt
<u>Revistas Semanais de Televisão:</u>	<i>TV Guia;</i>	
<u>Revistas Semanais de Sociedade:</u>	<i>Flash!;</i>	
<u>Revistas Mensais Femininas:</u>	<i>Máxima;</i>	www.maxima.xl.pt
	<i>Vogue;</i>	
<u>Revistas Mensais sobre Informática:</u>	<i>PC Guia;</i>	www.pcguaia.xl.pt
	<i>Semana Informática;</i>	www.semanainformatica.xl.pt
<u>Revistas Mensais sobre Automóveis:</u>	<i>Automotor;</i>	www.automotor.xl.pt
<u>Revistas Mensais sobre Viagens:</u>	<i>Rotas & Destinos;</i>	www.rotas.xl.pt
<u>Revistas Mensais Masculinas:</u>	<i>GQ;</i>	
<u>Revistas Mensais sobre Decoração:</u>	<i>Máxima Interiores;</i>	www.maximainteriores.xl.pt

Anexo 5

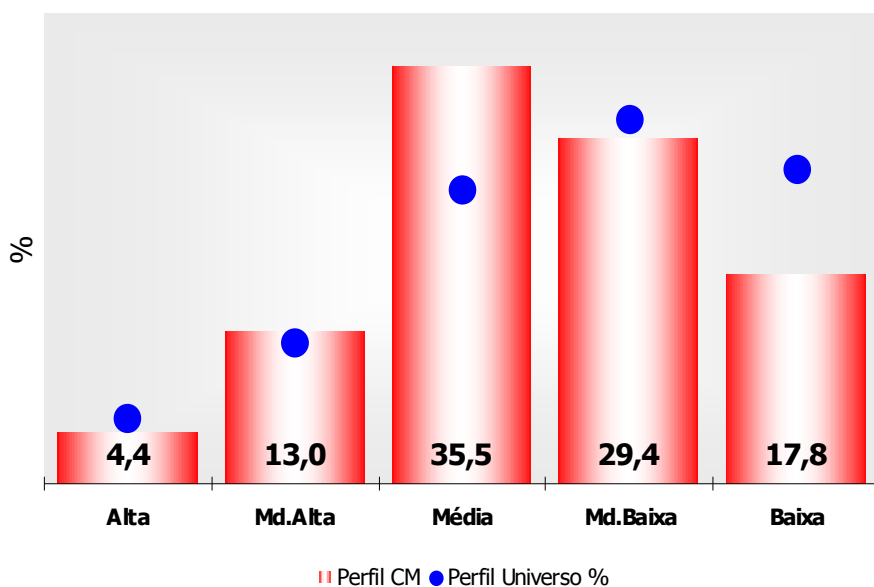
LISTA DE ALGUNS DOS *OPINION MAKERS* DOS PRINCIPAIS JORNAIS DIÁRIOS PAGOS

<i>Correio da Manhã</i>	<i>Diário de Notícias</i>	<i>Público</i>	<i>A Bola</i>	<i>Record</i>
Francisco José Viegas	Manuel Queiroz	Francisco Sarsfield Cabral	José Manuel Delgado	Norton de Matos
Leonor Pinhão	João César das Neves	Rui Tavares	Miguel Sousa Tavares	Silva Resende
Rui Santos	Ferreira Fernandes	Vasco Pulido Valente	Fernando Guerra	Hélder Cristóvão
Francisco Moita Flores	Baptista-Bastos	Vital Moreira	António Simões	Rui Santos
Emídio Rangel	Vasco Graça Moura	Pacheco Pereira	Ricardo Araújo Pereira	João Govern
Jorge Coelho	Maria José Nogueira Pinto	Santana Castilho	Leonor Pinhão	Miguel Góis
Dias Loureiro	Manuel Maria Carrilho	Catarina Portas	José Diogo Quintela	Dias Ferreira

Anexo 7

Correio da Manhã	Classe Social					
	Aud.Média	Alta	Md.Alta	Média	Md.Baixa	Baixa
	983	43	128	349	288	175
	100	4,4	13	35,5	29,4	17,8
	11,8	9,4	12,9	16,9	11,2	7,9
Universo(000)	8.311	457	989	2.070	2.577	2.219
<i>Perfil Universo %</i>	100,0	5,5	11,9	24,9	31	26,7

Classe Social



Fontes: Audiência: Markttest / "Bareme Imprensa"
Período: 2.ª Vaga 07

Universo: residentes em Portugal Continental com 15 e mais anos (8.311.409 indivíduos)

Anexo 8

PREÇO DOS PRINCIPAIS JORNAIS GENERALISTAS DIÁRIOS PAGOS – Dezembro de 2007

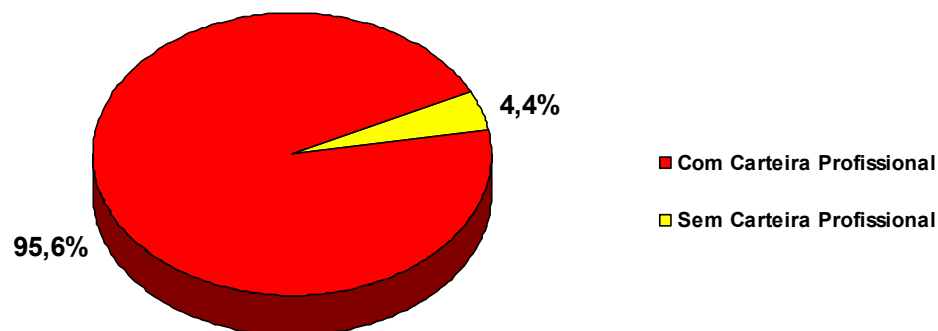
Dia da Semana	Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias	24 Horas	Público
Segunda-feira	0,75 €	0,90 €	0,75 €	0,70 €	0,90 €
Terça-feira	0,75 €	0,90 €	0,75 €	0,70 €	0,90 €
Quarta-feira	0,75 €	0,90 €	0,75 €	0,70 €	0,90 €
Quinta-feira	0,75 €	0,90 €	0,75 €	0,70 €	0,90 €
Sexta-feira	1 €	1,20 €	1 €	1 €	1,25 €
Sábado	1,20 €	1,20 €	1,10 €	1,20 €	1,25 €
Domingo	1,25 €	1,30 €	1,20 €	1,20 €	1,40 €

PREÇO DOS PRINCIPAIS JORNAIS GENERALISTAS DIÁRIOS PAGOS – Fevereiro de 2008

Dia da Semana	Correio da Manhã	Diário de Notícias	Jornal de Notícias	24 Horas	Público
Segunda-feira	0,80 €	0,90 €	0,75 €	0,70 €	0,90 €
Terça-feira	0,80 €	0,90 €	0,75 €	0,70 €	0,90 €
Quarta-feira	0,80 €	0,90 €	0,75 €	0,70 €	0,90 €
Quinta-feira	0,80 €	0,90 €	0,75 €	0,70 €	0,90 €
Sexta-feira	1 €	1,20 €	1,10 €	1 €	1,25 €
Sábado	1,25 €	1,20 €	1,20 €	1,25 €	1,25 €
Domingo	1,25 €	1,30 €	1,30 €	1,25 €	1,40 €

Anexo 9

Jornalistas detentores de carteira profissional



Anexo 10



Anexo 11

Linguagem Utilizada no Jornal

Forma utilizada no <i>Correio da Manhã</i>	Forma alternativa
pente fino	pente-fino
blogue	blog
site	sítio
gang	ganguê
stress	stresse
doping	dopping
rulote	roulote/roulotte
Dakar	Dacar
VIH	HIV
ADN	DNA
canábis	cannabis
taliban (forma singular e plural)	talibã

Anexo 12

Total de Horas Efectuadas	
Setembro	42
Outubro	108
Novembro	108
Dezembro	101
Janeiro	68
Total	427

Anexo 13



EDIÇÃO 10 451
SEXTA-FEIRA 11/01/2008




EDIÇÃO 10 456
QUARTA 16/01/2008

FOTOS	REVISÃO	NOR ALG MAC	SEÇÃO	PÁG	PÁG	SEÇÃO	NOR ALG MAC	REVISÃO	FOTOS
ok	22h15	Cera	PRIMEIRA	1	52	ÚLTIMA	22h15	Cera	22h15
ok	22h30	Cera	OPINIÃO	2	61	MEDIA	18h30	Luroes	18h30
ok	PUBLICIDADE			3	50	PROGRAMA TV	15h30	Huko	19h30
ok	22h30	Cera	ACTUALID.	4	49	PUBLICIDADE			
ok	22h30	Cera	ACTUALID.	5	48	MEDIA	19h15	Cera	20h30
ok	22h30	Cera	ACTUALID.	6	47	VIDAS	21h10	Cera	21h30
ok	22h30	Cera	ACTUALID.	7	46	VIDAS	21h30	Cera	21h30
ok	14h00	Luroes	POR/NOR/ALG	8	45	CULTURA	18h10	Huko	21h00
ok	14h00	Huko	POR/NOR/ALG	9	44	COR/NOR/ALG	18h10	Huko	14h00
ok	18h10	Luroes	PORTUGAL	10	43	CULTURA	17h10	Huko	20h00
ok	21h15	Huko	PORTUGAL	11	42	CULTURA	18h05	Cera	19h30
ok	21h00	Luroes	PORTUGAL	12	41	AGENDA	16h15	Huko	18h55
ok	19h55	Huko	PORTUGAL	13	40	PASSATEMPO	16h15	Cera	18h35
ok	17h30	Huko	LETORES	14	39	DESPORTO	18h05	Luroes	18h30
ok	19h15	Luroes	SOCIEDADE	15	38	DESPORTO	18h05	Luroes	19h00
ok	19h15	Luroes	SOCIEDADE	16	37	DESPORTO	20h25	Luroes	21h00
ok	20h15	Cera	SOCIEDADE	17	36	DESPORTO	21h15	Huko	21h35
ok	18h30	Luroes	SOCIEDADE	18	35	DESPORTO	19h15	Cera	20h35
ok	PUBLICIDADE			19	34	MUNDO	19h10	Cera	20h30
ok	20h15	Cera	SOCIEDADE	20	33	MUNDO	18h00	Cera	19h15
ok	20h30	Cera	PROMOÇÃO	21	32	MUNDO	18h00	Cera	19h00
ok	18h30	Cera	ECONOMIA	22	31	POLITICA	18h00	Cera	19h15
ok	19h15	Luroes	ECONOMIA	23	30	POLITICA	17h00	Cera	18h15
ok	19h15	Luroes	BOLSA	24	29	POLITICA	21h00	Cera	21h15
ok	PUBLICIDADE			25	28	PUBLICIDADE			
ok	18h00	Cera	REPORTAGEM	26	27	REPORTAGEM	17h30	Cera	18h00

FOTOS	REVISÃO	NOR ALG MAC	SEÇÃO	PÁG	PÁG	SEÇÃO	NOR ALG MAC	REVISÃO	FOTOS
ok	23h15	Catania	PRIMEIRA	1	52	ÚLTIMA	22h01	Luroes	Catania
ok	22h30	Catania	OPINIÃO	2	61	MEDIA	17h58	Huko	18h57
ok	PUBLICIDADE			3	50	PROGRAMA TV	16h15	Luroes	
ok	22h15	Catania	ACTUALIDADE	4	49	MEDIA	19h31	Catania	20h31
ok	22h15	Catania	ACTUALIDADE	5	48	MEDIA	17h34	Catania	19h15
ok	22h15	Luroes	ACTUALIDADE	6	47	VIDAS	21h12	Catania	21h16
ok	PUBLICIDADE			7	46	VIDAS	21h12	Catania	21h16
ok	14h00	Luroes	POR/NOR/ALG	8	45	CULTURA	20h21	Luroes	
ok	14h00	Huko	POR/NOR/ALG	9	44	COR/NOR/ALG	18h10	Huko	14h00
ok	19h15	Huko	PORTUGAL	10	43	CULTURA	19h15	Catania	19h39
ok	21h55	Huko	PORTUGAL	11	42	CULTURA	17h57	Luroes	
ok	21h00	Luroes	PORTUGAL	12	41	AGENDA	15h16	Luroes	
ok	19h33	Huko	PORTUGAL	13	40	PASSATEMPO	16h25	Catania	17h13
ok	18h05	Luroes	LETORES	14	39	DESPORTO	18h18	Catania	18h06
ok	21h01	Catania	SOCIEDADE	15	38	DESPORTO	20h25	Luroes	
ok	18h05	Luroes	SOCIEDADE	16	37	DESPORTO	18h12	Huko	19h39
ok	20h15	Catania	SOCIEDADE	17	36	DESPORTO	20h24	Huko	21h23
ok	21h15	Catania	SOCIEDADE	18	35	DESPORTO	21h15	Huko	21h35
ok	20h15	Catania	SOCIEDADE	19	34	DESPORTO	20h16	Catania	22h26
ok	PUBLICIDADE			20	33	MUNDO	18h52	Huko	19h06
ok	PUBLICIDADE			21	32	MUNDO	19h35	Catania	19h19
ok	21h19	Catania	ECONOMIA	22	31	MUNDO	17h49	Catania	18h48
ok	21h15	Catania	ECONOMIA	23	30	POLITICA	20h12	Catania	20h47
ok	18h05	Luroes	BOLSA	24	29	POLITICA	18h10	Luroes	
ok	PUBLICIDADE			25	28	PUBLICIDADE			
ok	17h39	Catania	REPORTAGEM	26	27	REPORTAGEM	17h13	Catania	17h35

Anexo 14

	Impresso de Recursos Humanos		Referência: IRH_SG/SC 04b/v2 11Abr05
	Tema	AVALIAÇÃO ESTÁGIO GERAL	Versão: 02/2005
			Substitui documento IRH_SG-004b/v1 17Nov04

Investec
 Presselivre
 Edisport
 Edirevistas
 Cofina
 MetroNews

Nome	HUGO MIGUEL DUARTE LAMEIRAS		Data nascimento	23/03/78	
Departamento	REVISAO	Secção	REVISAO-EN	Orientador estágio	VERA SILVA
Início estágio	19/09/2007	Fim estágio	18/10/2008	Instituição Ensino	UNIV NOVA

Atribua um valor da escala a cada parâmetro de avaliação.
 1 - Mau; 2 - Suficiente; 3 - Bom; 4 - Muito Bom

Atitude, Adaptação e Integração

1. **Motivação Profissional** 4
Interesse e empenho demonstrados; disponibilidade, proactividade e curiosidade.
2. **Relacionamento Interpessoal** 4
Capacidade de estabelecer relações interpessoais adequadas; espírito de equipa; capacidade de criar bom ambiente de trabalho; comunicação eficaz.
3. **Responsabilidade** 4
Grau de responsabilidade; pelo trabalho confiado ou pedido e entrega; com os prazos, com os equipamentos; contactos internos e externos e informação diversa (confidencial).
4. **Flexibilidade** 4
Capacidade de ajustamento a novas situações, responsabilidades e/ou tarefas; versatilidade, abertura, aceitação e adaptação a novas metodologias.
5. **Assiduidade e Pontualidade** 4
Cumprimento do horário definido; comparência assídua e atempada ao trabalho e aos compromissos agendados.
6. **Feedback** 4
Qualidade do reporte fornecido às chefias e à equipa.

Qualidade no trabalho

7. **Competências técnicas** 4
Qualidade do trabalho desenvolvido; desenvolvimento das técnicas, ferramentas e métodos de trabalho específicos da função.
8. **Formação teórica** 4
Nível de conhecimentos teóricos relacionados com exigência da função, e aplicação prática; capacidade de análise e selecção da informação.
9. **Inovação, iniciativa e criatividade** 4
Capacidade de propor, desenvolver e implementar ideias e projectos adequados.

Desenvolvimento profissional

10. **Capacidade resposta** 3
Adequação ao desempenho funcional; interesse e capacidade de melhorar o trabalho face a críticas e sugestões de melhoria.
11. **Resistência à pressão** 3
Capacidade de trabalhar sob pressão (com prazos apertados); resistência ao stress.
12. **Nível de desenvolvimento** 3
Capacidade de interiorizar e aprender novas metodologias; autonomia na preparação e elaboração do trabalho.

Avaliação Global:

MUITO BOM DESEMPENHO A TODOS OS NÍVEIS

Em caso de surgir alguma vaga, recomendaria este estagiário?

Sim Não

Se sim, em que áreas ou publicações?

CORREIO DA MANHÃ E TODAS AS PUBLICAÇÕES DO GRUPO

Ass: 



Estrutura do jornal na sua edição nacional

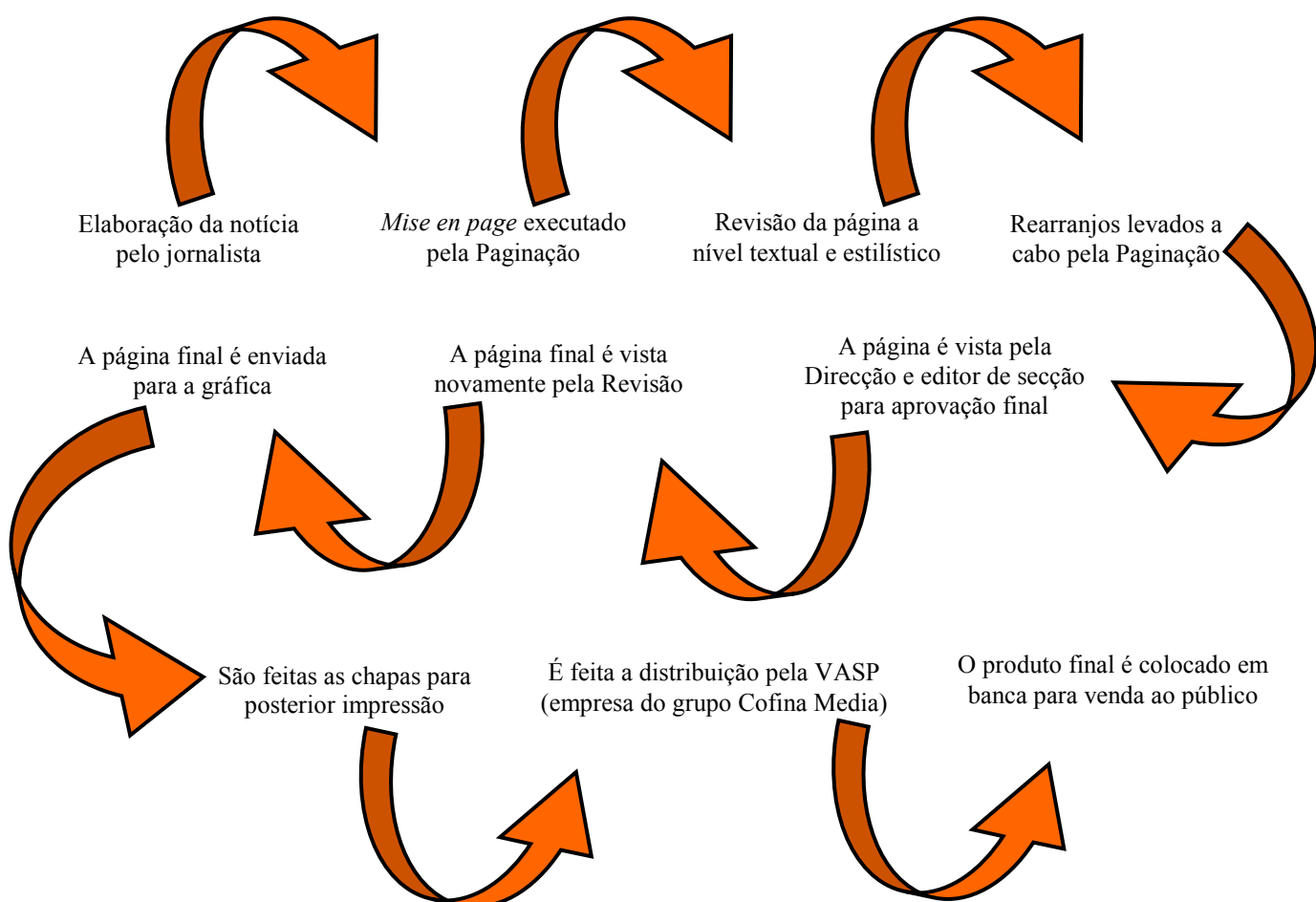
<p>Primeira página</p>	<p>Possui a manchete e outras chamadas para o interior do jornal, relativas a notícias consideradas dignas de nota, sempre com a referência às respectivas páginas do interior do jornal. Possui igualmente publicidade (institucional ou não) e outras informações como sejam o preço, a data a que se refere, o nome do director e dos directores adjuntos.</p>
<p>Correio de Hoje</p>	<p>Possui o sumário do jornal referente ao dia, bem como uma pergunta que é colocada aos leitores, a qual serve de pretexto para a publicação de um sectograma com a tendência das respostas em percentagem que são encontradas através do voto <i>on-line</i> ou por SMS. A resposta é sempre binária, ou seja, não admite outra formulação que não seja «<i>Sim</i>» ou «<i>Não</i>». Nesta página podemos ver também um artigo de opinião de uma individualidade nacional, assim como uma nota elaborada por um dos elementos de chefia.</p>
<p>Actualidade</p>	<p>Debruça-se sobre notícias que marcam o dia em causa, podem referir-se a acontecimentos nacionais ou não. Esta secção está em estreita relação com a manchete e outras notícias que, na Primeira página, aparecem em lugar de destaque, nomeadamente ao centro. Quando se torna necessário, é feita uma geminação desta secção, passamos então a ter a Actualidade I e a Actualidade II, que, tal como a primeira, se refere a acontecimentos presentes.</p>
<p>Portugal</p>	<p>Possui notícias que têm exclusivamente a ver com a realidade nacional.</p>

Leitores	Este espaço é destinado aos leitores do jornal, onde aqui podem ver publicadas as suas opiniões sobre um determinado assunto presente no fórum <i>on-line</i> . Aqui o leitor pode igualmente reclamar sobre aspectos menos dignos que considere pertinentes, mesmo que tenham a ver apenas com a sua área de residência. Por sua vez, o jornal procura sempre obter uma resposta válida junto das entidades competentes ou, então, ajuda divulgando uma determinada iniciativa. É igualmente aqui que podemos ver os nomes dos principais implicados do jornal nas suas diferentes edições e também do grupo Cofina Media, detentor da publicação.
Sociedade	Notícias sobre a actualidade social quer a nível nacional, quer estrangeiro.
Economia	Informação acerca de tudo quanto é relativo à economia nacional ou estrangeira. Possui igualmente os valores dos títulos cotados na Bolsa de Valores de Lisboa, valores do câmbio das principais moedas internacionais e uma sucinta análise do mercado financeiro relativo ao dia a que corresponde.
Política	Aqui é retratada a actualidade política, nacional ou não.
Reportagem (páginas centrais)	Dá-se aqui espaço a um determinado assunto que serve de objecto a um trabalho jornalístico de reportagem, o qual é sobejamente ilustrado por fotografias a cores. Na elaboração do jornal, são as primeiras páginas a ser preparadas e enviadas para a gráfica.
Classificados	Caderno onde estão compilados os diferentes anúncios a bens e serviços, bem como a necrologia.
Desporto	Debruça-se sobre a actualidade desportiva (nacional ou não), com especial destaque para o futebol nacional, fazendo a análise da respectiva jornada e fornecendo os resultados do jogo Totobola, sempre que a jornada futebolística chega ao fim.
Mundo	Actualidade informativa internacional de relevo.
Passatempos	Jogos de raciocínio e lógica.
Agenda	Horóscopo, boletim meteorológico nacional e das principais cidades mundiais e informação relativa a farmácias.
Cultura & Espectáculos	Informação concernente à actividade cultura nacional e internacional, possuindo ainda o cartaz com os títulos que vigoram nas salas de cinema nacionais.

Vidas	Informação relativa às figuras nacionais e estrangeiras que compõem a chamada <i>socialite</i> .
Televisão	Informação relativa aos diferentes media e inclui também a programação dos principais possui sempre uma crónica de uma individualidade, assim como notícias descritas de uma forma muito sucinta, a meteorologia das principais cidades nacionais, informação relativa a lotarias ou a outros jogos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (quando os há) e o código de barras com o respectivo número que permite identificar o número de edição da publicação em causa canais nacionais, inclusive canais por cabo.
Última página	Síntese da actualidade informativa nacional ou internacional, inclusive de última hora. Resume a previsão meteorológica com uma infografia a cores, dá espaço a uma coluna de opinião assinada por uma figura nacional e faz, normalmente, a antevisão da edição seguinte, sobretudo quando acompanhada de revista. Sempre que se proporciona, esta secção divulga ainda os resultados dos jogos sociais concedidos pelo Estado à Santa Casa da Misericórdia.

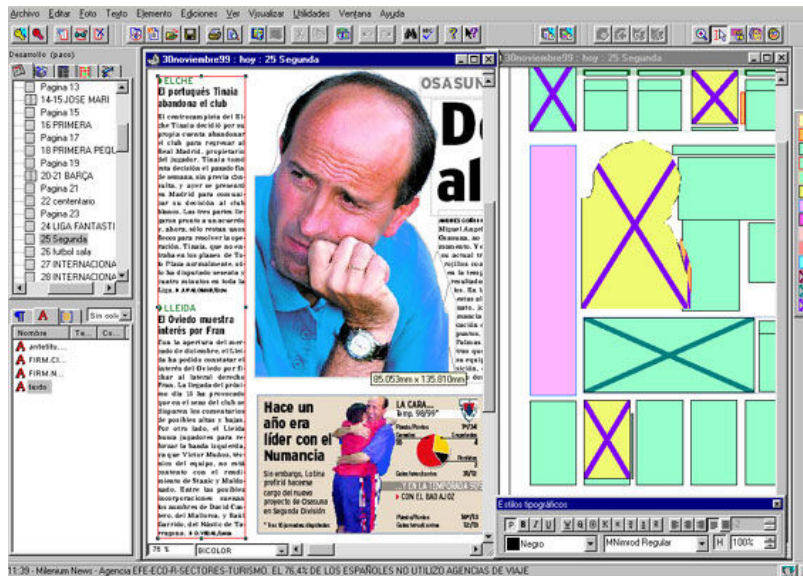
Anexo 17

Diferentes Fases na Elaboração do Jornal



Anexo 18

Vista Web de um artigo no MILENIUM Editor



Fonte: <http://www.mileniumcrossmedia.com/webmilenium/webesp/indexesp.html>

Anexo 19



Já só tem 3 dias para poupar no IRS

PPR Millennium

Procurador repete: Penas mais pesadas contra corrupção

CORREIO da manhã

CM É O MAIOR JORNAL PORTUGUÊS

GOVERNO CORTA 330 MILHÕES NA SAÚDE

HOMEM-BOMBA MATA BENAZIR BHUTTO

Ministro quer encerrar 56 SAP **Novas Licenças prestes a fechar** **10 matamédicas desactivadas**

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

Ivo Canelas apantado a 108 km/h

Agentes querem Liedson no Betis de Sevilla

Banca provoca guerra política entre PS e PSD

OFERTAS DE EMPREGO

MAIS DE 500 OPORTUNIDADES DE NORTE A SUL

PRIMEIRO EMPREGO

REVISTA TV

Portugal escolhe técnico de frio

Gato Fedorento O ANO FOI TODO DELES

PORTUGUÊS

ATENTADO BRUTAL VITIMA CARISMÁTICA LIDER DA OPOSIÇÃO PAQUISTANESA

CORREIO da manhã

Desacontecimentos que marcaram 2007

ULTIMA HORA

CONDUTOR DETIDO

54 anos sem carta

Chegou a conta

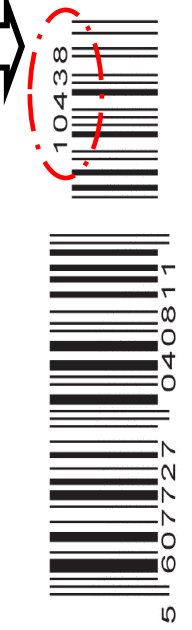
COMPRAS AUTORIZADAS

ALVARO PODE ESTAR DE SIDA

LOTARIA POPULAR

Comence o Ano Novo com uma vida de sonho

Diã 31 de Dezembro anda a roda



ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE DA EDIÇÃO N.º 10 439 DO CORREIO DA MANHÃ E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

SEMANA DE 26.12 A 03.01.08

CORREIO da manhã

Autor de 'Fascinios' é fã de novelas

TV / António Barreira escreve por amor à arte e vê Margarida como sociópata / P22

Gato Fedorento O ANO FOI TODO DELES

As 'vítimas' do seu humor também apreciam os líderes de audiências

ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE DA EDIÇÃO N.º 10 439 DO CORREIO DA MANHÃ E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Diário de Notícias

Terça-feira, 18 de Outubro de 2007 | Ano 143 | Nº 52 854 | 1,20€ | 200.270 | www.dn.pt
 Diretor: João Mamede | Coordenador: Filomena Martins | Sub-diretor: João Botelho | Coordenador Geral: Carlos

Quase Tratado

Acordo. Luis Amado previa resolver tudo durante a madrugada. **Itália.** Ganhou um lugar mas ainda reclama outro. **Polónia.** Gêmeos disponíveis para assinar. **Maddie, Brown e Sócrates** discutiram caso. **Sarkozy.** Sorriente em Lisboa no dia do anúncio do divórcio.



200 mil contra a flexigurança

Protesto em Lisboa com milhares de manifestantes. **EUROPA SOLIDÁRIA**



Governo limita saídas da função pública

Aumentos de 2.1% dos salários custam 200 milhões

O Governo vai limitar as saídas da função pública para reduzir o défice. O novo regulamento prevê a extinção de 200 mil postos de trabalho.

NUNCA NÃO PERCA
 Mentelha grátis
 Vozes de Paulo VI
 Antio Dóculos
 Vozes de
 Du segredos
 de energia

AI Qaeda ataca no regresso de Bhattu
 O ataque ocorreu no regresso do ministro da Defesa de Portugal, Bhattu, para o país.

SEF combate tráfico humano
 O SEF combate o tráfico humano em Portugal.

Soldado e Dica perto da Luz
 Soldado em estado de choque perto da Luz.

22 câmaras violam lei do endividamento
 O governo vai limitar as saídas da função pública.

Nobel polémico apoia causa Champallimaud
 O prêmio Nobel de Medicina apoia a causa de Champallimaud.

CORRIDA À POUPANÇA BPN
 ATÉ 16 DE NOVEMBRO. POUPAR É MESMO GANHAR.

Seg 3 Dez Edição Lisboa

Portugal Retrato Social
 A série de António Barreto e Joana Pires

Gala dos Travestis
 Contra a aids, mulheres por uma noite P.2

Pediatras
 Há um Brazelton português? Dois especialistas respondem P.2

Livro
 A Ópera do Trindade resistiu ao Estado Novo P.2

Crime
 Emily Sander é uma nova Laura Palmer P.2



Venezuela diz "sim" à proposta de Chávez, oposição apela à vigilância

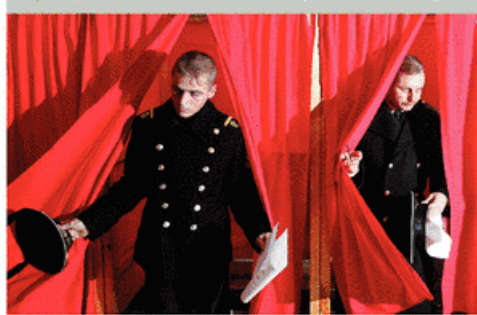
Reforma que define país como socialista somará 53 a 56 por cento dos votos

A Venezuela votou nesta terça-feira (15) em uma consulta popular para aprovar ou rejeitar a proposta de reforma constitucional que define o país como socialista.

Eleições na Rússia Partido de Putin dominará 80 por cento da Duma Págs. 14-15

Cartão de Débito Millennium

DINHEIRO MELHOR QUE DINHEIRO



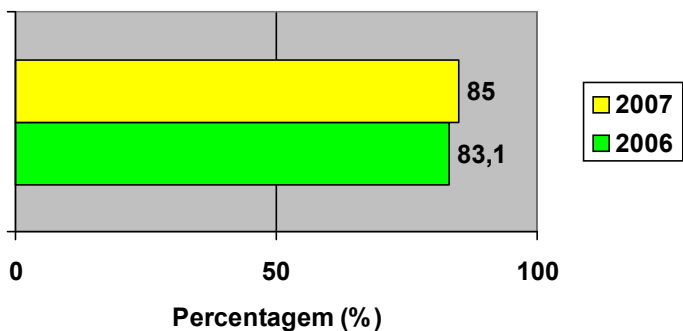
DINHEIRO MELHOR QUE DINHEIRO

Cartão de Débito Millennium

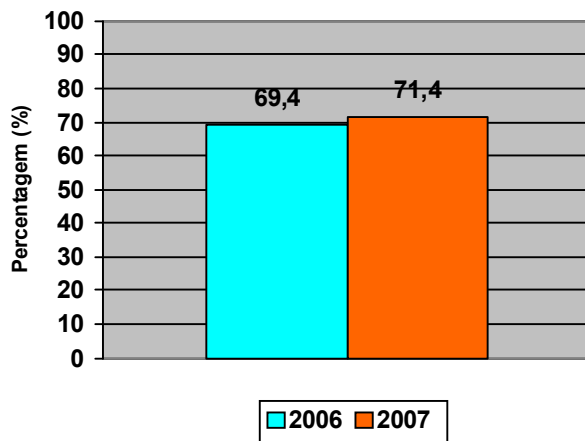


Anexo 25

Consumidores de Imprensa Escrita



Audiência Média de Imprensa



Leitores de Jornais (por sexo)

